

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
PESQUISA HELENA ANTIPOFF - CDPHA**

**BOLETIM DO CDPHA
Número 21**

APOIO:



**Belo Horizonte, MG
2009**

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA**

Boletim do CDPHA

Comissão editorial

Regina Helena de Freitas Campos – Coordenadora
Adriana Araújo Pereira Borges
Alzira Maria Quiroga Mendoza

Comissão científica

Ana Lydia Santiago - UFMG
Ana Maria Jacó-Vilela - UERJ
Carlos Henrique Gerken - UFSJ
Elizabeth Melo Bomfim - UFMG
Érika Lourenço - UFMG
Irene Melo Pinheiro – FHA
Iza Rodrigues da Luz - UFMG
Lílian Erichsen Nassif - UFMG
Marcos Vieira Silva - UFSJ
Maria do Carmo Coutinho de Moraes - APMG
Maria do Carmo Guedes – PUC-SP
Maria Therezinha Nunes – ISEAT/FHA
Marina Massimi - USP
Miguel Mahfoud – UFMG
Mitsuko Antunes - USP
Raquel Martins de Assis – UFMG
Rita de Cássia Vieira - UFMG
Sebastião Rogério Góis Moreira - UNIPAC
Sérgio Cirino - UFMG
Sílvia Parrat-Dayan – UNIGE
William Barbosa Gomes - UFRGS

Contato:

Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central - Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte (MG)

Ficha catalográfica:

Boletim do CDPHA / Centro de Documentação e Pesquisa
Helena Antipoff – N. 21 (2009).
Belo Horizonte: CDPHA, 1981-

Anual
ISSN 1806-1931

1. Educação – Periódicos. 2. Psicologia – Periódicos
Pesquisas. I. Centro de Documentação e Pesquisa Helena
Antipoff.

CDD 370

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA

Diretoria 2009-2011

Presidente de honra
Otília Braga Antipoff

Presidente
Regina Helena de Freitas Campos

Vice-presidentes

Irene Pinheiro
Celso Furtado de Azevedo
Demetrios Navaes Neves
Leda Maria da Costa

Diretoria técnica

Adriana Araujo Pereira Borges
Alzira Maria Quiroga Mendoza
Maria Therezinha Nunes
Priscila Augusta Lima
Sérgio Cirino

Diretoria administrativa

Érika Lourenço
Rogério de Alvarenga

Diretoria financeira

Doralice Almeida Campos de Araújo
Ernani Henrique Fazzi
Maria das Graças Silva Teixeira

Conselho fiscal

Ângelo Filomeno Palhares Leite
Cecília Andrade Antipoff
Maria Melo Garcia
Elizabeth Coutinho de Moraes (suplente)
Elizabeth Mounaier (suplente)

Conselho consultivo

Adilson Dumont
Maria do Carmo Coutinho de Moraes
Magda Saete Silva Reis
Regina Célia Pereira Campos
Sérgio Domingues
Neide de Oliveira Magalhães
Sérgio Farnese

Coordenadores regionais

Olinda Terezinha da Silva Caetano (FHA)
Raquel Martins de Assis (UFMG)

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF -
CDPHA**

BOLETIM DO CDPHA

Número 21

Ano 2009

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
Programa	10
Relatório e Avaliação	18
Minicursos e oficinas oferecidos	47
Sessões de comunicações coordenadas	53
Tema 1 – A criança e sua subjetividade	54
Tema 2 – O desaparecimento da infância	61
Tema 3 – A criança na obra Helena de Antipoff.....	67
Tema 4 – A criança e seus sintomas	75
Tema 5 – A criança na escola	82
Tema 6 – A criança e a inclusão	92
Assuntos do CDPHA	98
Boletim do CDPHA – Instruções para os autores	104
Índice Remissivo	110

EDITORIAL

Temos a satisfação de apresentar aos colegas e amigos a 21ª edição do *Boletim do CDPHA*, publicação anual do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. A cada ano, o *Boletim* registra as atividades do Centro, incluindo especialmente a publicação do Programa e dos resumos dos trabalhos apresentados em nosso Encontro Anual.

No ano de 2009, o XXVII Encontro Anual Helena Antipoff foi realizado entre nos dias 24, 25, 26 e 27 de março, na Fundação Helena Antipoff. O tema escolhido foi “A criança na contemporaneidade”, com o objetivo de promover a reflexão sobre as transformações na mentalidade infantil e nas práticas educativas que observamos na atualidade, e sobre os desafios que essas transformações têm colocado para educadores e profissionais de saúde.

O Encontro Anual Helena Antipoff é uma realização regular do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) que desde sua criação, em 1979, tem se dedicado à preservação da memória e à divulgação da obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974). Os Encontros Anuais Helena Antipoff vêm acontecendo em parcerias entre a UFMG, a Fundação Helena Antipoff e as demais entidades criadas sob a liderança da educadora, como a Associação Pestalozzi, a ADAV e a ACORDA.

O *Boletim do CDPHA* - principal órgão de divulgação das atividades do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff – tem sido publicado regularmente desde 1981, trazendo os trabalhos apresentados nos Encontros realizados anualmente pelo Centro. Com a ampliação das atividades e das contribuições apresentadas em nossos

eventos, tornou-se necessário inaugurar uma nova série de publicações, destinada a divulgar os artigos completos que resultam das apresentações. Essa nova série, intitulada *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, está sendo editada na forma de coletâneas de textos publicadas anualmente, com organização a cargo de membros da diretoria do CDPHA. Em 2007 foi editada a primeira coletânea, intitulada *Instituições e psicologia no Brasil* (organizada por Regina Helena de Freitas Campos e Rita de Cássia Vieira, e editada pela NAU Editora, Rio de Janeiro). A segunda coletânea, intitulada *Formação de professores – diálogos com a experiência antipoffiana* foi publicada em 2008, sendo organizada por Lilian Erichsen Nassif e Maria Therezinha Nunes e editada pela Editora Pucminas. Duas novas coletâneas encontram-se atualmente em fase de edição, com os trabalhos apresentados nos eventos de 2008 e 2009. A coletânea que reúne os trabalhos apresentados em 2008 trata das relações entre educação e preservação do patrimônio cultural e científico. A coletânea relativa ao evento de 2009 será publicada em 2010, com os trabalhos relacionados à criança na contemporaneidade.

A partir de 2007, portanto, o CDPHA apresenta aos associados e à comunidade interessada as duas publicações: o *Boletim do CDPHA*, contendo o programa do Encontro Anual, os resumos das conferências e comunicações de trabalhos e as notícias sobre as atividades do Centro, e a *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, contendo os textos completos dos trabalhos selecionados para apresentação, na forma de coletânea dedicada ao tema escolhido a cada ano. Esperamos assim continuar a contribuir para a divulgação dos trabalhos de nosso

associados, e para a constante atualização do extraordinário legado de Helena Antipoff.

Por fim, cabe agradecer aos autores que enviaram seus trabalhos, em uma demonstração de confiança no CDPHA, e também às instituições que tornaram possível a realização do evento, em especial a FAPEMIG, a Fundação Helena Antipoff e a UFMG.

Belo Horizonte, março de 2009

Regina Helena de Freitas Campos
Presidente do CDPHA

XXVII ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF

**Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira da
Fundação Helena Antipoff**

24-27.3.2009

**TEMA GERAL: A Criança na Contemporaneidade:
Múltiplos Olhares**

Promoção:

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
(CDPHA)
Faculdade de Educação da UFMG
Fundação Helena Antipoff

Apoio:

Programa de Pós-graduação em Educação da FAE/UFMG
LAPED – Laboratório de Psicologia da Educação “Helena
Antipoff” – FAE/UFMG
Associação Pestalozzi de Minas Gerais
FAPEMIG
SEDESE – Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado
de Minas Gerais
ONG CONTATO – Centro de Referência da Juventude

PROGRAMAÇÃO

DIA 24.3- Terça-feira

Horário	Atividades
7:30 - 9 h	Credenciamento e inscrições – Local: saguão de entrada do prédio principal da Fundação Helena Antipoff e sala 4.
9h - 9:30h	Abertura Coord.: Regina Helena de Freitas Campos - Presidente do CDPHA Convidados: Fernanda Flaviana de Souza Martins – Presidente do Conselho Estadual da Criança e do Adolescente e Coordenadora Especial de Política Pró- criança e adolescente. Otília Braga Antipoff (Presidente de Honra do CDPHA) Irene Melo Pinheiro (Presidente da Fundação Helena Antipoff) Maria do Carmo Coutinho de Moraes (Diretora da Sociedade Pestalozzi, MG) Prof ^a Therezinha Andrade – Diretora do ISEAT/FHA Local: Auditório da Fundação Helena Antipoff
10h - 11:30h	Conferência: <i>A maternagem nas diferentes culturas</i> Silvia Parrat-Dayan - (Univ. de Genebra)
11:30h - 13h	Intervalo para almoço
11:30h - 13h	Lançamento do livro: “ <i>Formação dos professores: diálogos com a experiência antipoffiana</i> ”. Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff Local: Saguão de entrada do prédio principal da Fundação Helena Antipoff

<p>13h - 16h</p>	<p>Visita aos stands de editoras e à Exposição <i>80 anos de Helena Antipoff no Brasil – a infância em tempos de crise econômica</i> - alunos do Curso de Pedagogia do ISEAT</p> <p>Local: Saguão de entrada do prédio principal da Fundação Helena Antipoff e prédio da Biologia</p> <p>Visita ao Memorial Helena Antipoff</p>	
<p>16h - 18h</p>	<p>Sessões coordenadas de comunicação</p> <p>Local: Sala 15 e 51</p>	
<p>19h - 20h</p>	<p>Oficinas e Mini cursos</p>	<p>Sessão de cinema comentado Filme: <i>Brinquedo proibido</i> Profª Maria Therezinha Nunes (ISEAT/FHA)</p> <p>Local: Auditório FHA</p>
<p>20h - 22h</p>	<p>Mesa redonda: <i>Políticas públicas para a infância</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Fernanda Flaviana de Souza Martins – Coordenadoria Especial de Políticas Pró-criança e adolescente - CEPCAD da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social. • Dra. Andréa Mismotto Carelli - Promotora do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Infância e da Juventude (CAO) • Maria Alice da Silva – Frente de Defesa dos Direitos da Criança e do adolescente <p>Coordenação: Ivan Ferreira da Silva - SEDESE</p>	

DIA 25.3 – Quarta-feira

Horário	Atividades	
7:30h - 9h	Oficinas e MINI CURSOS	Sessão de cinema comentado Filme: <i>Ma vie en Rose</i> Comentário: Profas. Sabina Maura e Vanessa Eleutério Miranda – (ISEAT/FHA) Local: Auditório FHA
9h - 11h	Mesa redonda: <i>A situação da infância na contemporaneidade</i> Maria Cristina Gouvêa – (FaE/UFMG) Debatedor: Luis Guilherme – (ANDI/UNICEF - MG) Coordenação – Alzira Maria Quiroga Mendoza Local: Auditório da FHA	
11:30h - 13h	INTERVALO – ALMOÇO	
13h - 16h	Visita aos stands de editoras e exposição <i>80 anos de Helena Antipoff no Brasil – a infância em tempos de crise econômica</i> - alunos do Curso de Pedagogia do ISEAT Local: Saguão do prédio principal da Fundação Helena Antipoff e prédio da Biologia	
16h - 18h	Sessão de comunicações Local: Sala 15 e 51	
19h - 20h	Oficinas e MINI CURSOS	

20:30h - 22h	<p>Mesa Redonda: <i>Perspectivas psico-pedagógicas da criança na contemporaneidade.</i></p> <p>Prof. Sebastião Rogério Góes Monteiro) Coordenação: Maria de Fátima Castanheira – (ISEAT/FHA)</p> <p>Local: Auditório da Fundação Helena Antipoff</p>
--------------------	--

DIA 26.3 – Quinta-feira

Horário	Atividades	
7:30h - 9h	Mini – cursos	Sessão de cinema comentado: Filme: <i>O dia em que meus pais saíram de férias</i> Comentário: Maria Therezinha Nunes – (ISEAT/FHA) Local: Auditório FHA
9h - 9:30h	Lançamento do livro AEIOU –Zóe Rios e Ângela Lago - Editora RHJ Local: Saguão de entrada do prédio principal da Fundação Helena Antipoff	
9:30h - 11:30h	<p>Forum: <i>Influências da mídia na cultura infantil</i></p> <p>Apresentadores: Cláudio Magalhães – Doutor em Educação – FAE/UFMG Rogério Corrêa Silva – Doutorando em Educação pela FAE/UFMG</p> <p>Debatedores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Prof. Roberto Márcio Cunha Melo –ISEAT/FHA • Prof. Dra. Sandra Pereira Tosta – PUC/MG • Prof. José Adolfo – Diretor do programa Bango-balango, da TV Minas <p>Local: Auditório FHA</p>	
12h - 13h	Intervalo para almoço	
13h - 16h	Visita aos stands das editoras e Museu Helena Antipoff Local: Saguão do prédio principal da Fundação Helena Antipoff	

16h - 18h	Sessão de comunicações coordenadas Local: Salas 45 e 51	
18h - 19h	Apresentação Cultural Local: Hall de entrada do prédio do laboratório	
19h - 20:30h	Mini cursos	Sessão de Cinema comentado Filme: <i>Balão Branco</i> Professora: Maria das Graças da Silva Teixeira Local: Auditório FHA
20:30h - 22h.	Palestra: <i>A patologização da infância</i> <ul style="list-style-type: none"> • Maria Raquel Botrel • Prof. Dr. Marcelo Ricardo Pereira (FAE/UFMG) Coordenação: Adriana A. P. Borges –(ISEAT/FHA) Local: Auditório FHA	

DIA 27.3 – Sexta-feira

Horário	Atividades
7:30h - 9h	Mini – cursos
9h - 11:30h	<p>Mesa redonda: <i>Propostas pedagógicas de Educação Infantil</i></p> <p>Debatedoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vitória Líbia Barreto Faria (MEC) • Mairce Terezinha (SMED/BH) • Rosalba Lima (Sec. Educação Contagem) • Laila (Sec. Educação de Ibirité) <p>Coordenação: Alzira Maria Quiroga Mendoza (ISEAT/FHA)</p> <p>Local: Auditório FHA</p>
12h - 14h	<p>Encerramento – Atividade Cultural – “<i>Samba na Escola</i>” – alunos da Ed. Física e Escola de Samba da Escola Municipal da Vila Pinho, BH.</p> <p>Local: Saguão do prédio principal da Fundação Helena Antipoff</p>
14h - 17h	<p>Reunião do CDPHA</p> <p>Local: Sala 15 – Prédio central do ISEAT</p>

XXVII ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF A CRIANÇA NA CONTEMPORANEIDADE: MÚLTIPLOS OLHARES

I. RELATÓRIO E AVALIAÇÃO

A organização do XXVII Encontro Anual Helena Antipoff, que tinha como objetivo discutir a temática da Infância foi, em função desse tema, entregue à equipe do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação da Fundação Helena Antipoff. Diante disso, antevimos uma oportunidade há muito acalentada de enfatizar, dentro dos cursos de licenciatura, o debate importante sobre a formação de professores na perspectiva da Escola Cidadã. Essa perspectiva exige do docente um olhar atento às peculiaridades da criança e da cultura infantil, de forma a ser capaz de construir um fazer pedagógico respeitoso e valorizador dessa cultura.

A escolha do tema teve a feliz coincidência de ocorrer exatamente no ano em que se comemoram os 80 anos da chegada de Helena Antipoff ao Brasil e o cinquentenário da Convenção da ONU sobre os Direitos das Crianças, de 1959. Dessa forma o objetivo do Encontro foi lançar novos olhares sobre a situação da infância da contemporaneidade, uma vez que os temas sobre o seu desaparecimento vêm sendo recorrentes na produção acadêmica da área da Educação e na Sociologia da Infância.

É importante destacar que a luta pelo direito das crianças, especialmente daquelas em situação de maior vulnerabilidade social, foi sempre uma das bandeiras de Helena Antipoff que, ao criar a Casa do

Pequeno Jornaleiro, nos anos 40, e os abrigos de acolhimento em Belo Horizonte, assim como as escolas especializadas para tratar e educar os excepcionais, já buscava proteger as crianças de rua e mais desassistidas socialmente, encaminhando-as para uma atividade produtiva, paralelamente à aprendizagem escolar, perspectiva de atendimento característica da época,

Com a motivação de marcar o Encontro Anual deste ano, foi preparada uma programação diversificada, que pudesse contemplar tanto a urgência da discussão sobre a infância quanto os interesses de debate pedagógico presentes nos diversos cursos do ISEAT, público alvo privilegiado neste encontro.

Nesse sentido, buscou-se ainda proporcionar aos participantes vivências pedagógicas de sensibilização para a percepção do olhar da criança, através das oficinas e mini-cursos que abordaram aspectos específicos da prática docente.

Com relação às discussões em mesas e palestras, sem deixar de lado a psicologia – campo de interesse primordial dos Encontros Helena Antipoff – procurou-se trazer outros olhares da antropologia, da história, da assistência social, das políticas públicas, da psicanálise e acima de tudo, da educação, que nos possibilitasse interpretar, numa perspectiva contemporânea, o pensamento antipoffiano.

A programação assim compôs um mosaico de temas atuais que abordaram os diversos desafios da infância nos tempos atuais em que a crise econômica parece mostrar-se mais profunda e cruel, porque globalizada, do que aquela que acometeu a sociedade em 1929, quando da chegada de Helena Antipoff ao Brasil. Este assunto, inclusive, foi

tema de reflexão em exposição apresentada visualmente pelos alunos de 4º e 5º períodos de Pedagogia, que ilustrou a semana.

A Programação

A programação se constituiu de palestras, mesas redondas e um fórum de discussão, além de sessões comentadas de cinema, minicursos, oficinas; atividades culturais, lançamentos de livros e a acima citada Exposição de Trabalhos de alunos do Curso de Pedagogia que completou a rica e diversificada programação da semana.

Todos os eventos se concentraram nas instalações da Fundação Helena Antipoff em Ibirité. Isto por si só se constituiu em um desafio a mais para a equipe de organização: o de prover transporte a tempo e a hora, para os palestrantes e os pesquisadores que apresentavam suas comunicações. A programação teve ainda que se concentrar nos horários de aula do ISEAT, balanceando palestras e oficinas, de forma a atender às necessidades da comunidade acadêmica da casa.

As atividades foram organizadas em dois eixos: no primeiro horário, tanto da manhã, como da noite, ocorriam os minicursos e oficinas, com duração de 01h30min, cada sessão. Em seguida ocorriam as palestras, mesas redondas ou fórum, com duas horas de duração. Paralelamente aos minicursos eram apresentadas as sessões comentadas de cinema, com temática da infância, de forma a oferecer uma alternativa aos alunos que não conseguissem se inscrever nos minicursos e oficinas, uma vez que estes foram todos oferecidos voluntariamente por professores ou alunos dos cursos, não havendo vagas suficientes para todos os alunos do ISEAT.

Em função de o auditório não comportar todos os alunos, caso todos decidissem participar das palestras, foi organizado um sistema de senhas para regular a lotação do auditório.

No entanto, esse procedimento só foi realizado no primeiro dia, pois depois disso viu-se que o auditório conseguia comportar todos os interessados em assistir às palestras. Por outro lado, com relação às oficinas, houve superlotação de algumas e cancelamento de outras por falta de inscrições. Esta questão das inscrições em oficinas é um tópico que precisa ser melhor equacionado em próximos eventos.

Acreditamos que este descompasso se deveu a certa inexperiência da equipe de organização que, inicialmente, não teve a dimensão do alcance e possibilidades do Encontro Helena Antipoff. Em anos anteriores o evento reunia um público em torno de, no máximo 200 pessoas, e este ano contamos com um público de 546 inscritos, entre o turno da manhã e da noite. Talvez essa freqüência tenha se dado pelo fato do evento ocorrer dentro do ISEAT e ter-se constituído em uma atividade acadêmica dos diversos cursos e pela temática, bem inserida na discussão dos cursos de licenciatura.

À tarde a programação ficou restrita às sessões coordenadas de comunicações e relatos de pesquisa, sendo freqüentada principalmente por pesquisadores e observadores externos, além de uma pequena parcela de alunos interessados.

As parcerias

Com o objetivo de ampliar a discussão da temática foram feitas parcerias com a SEDESE, que se consolidou como uma apoiadora

especial, oferecendo o material para as pastas dos participantes, a impressão dos certificados, do folder e crachás do evento, além de carro para o transporte dos palestrantes. A SEDESE contribuiu ainda com uma mesa redonda em torno das *Políticas Públicas para a Infância* coordenada por Fernanda Flaviana de Souza Martins, Coordenadora de Políticas Pró-criança e Adolescente, e tendo como debatedores Andréia Mismoto, Promotora do Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Infância e da Juventude e Ivan Ferreira da Silva, Superintendente de Políticas para Criança e Adolescente.

Outra parceria firmada foi com a ONG CONTATO – Centro de Referência da Juventude, de Belo Horizonte, que se incumbiu de documentar todo o evento, em fotos e DVD para registrar palestras, minicursos, oficinas e atividades culturais que ocorreram. Os jovens da ONG estiveram presentes durante todo o evento e, ao final, produziram um clipe do evento e a edição de todas as sete palestras promovidas, material esse que será disponibilizado como apoio pedagógico e exibição em sala de aula.

A equipe de organização do evento agradece as duas entidades pela inestimável parceria, assim como a participação empenhada do pessoal de apoio da Fundação Helena Antipoff: a equipe da divisão financeira, que se prontificou a receber as inscrições ao longo de duas semanas de intensa movimentação de inscrições para o Encontro e a Secretaria do ISEAT pelo suporte material ao longo da semana.

O evento teve ainda o apoio da FAPEMIG, que custeou a vinda da pesquisadora Dra. Sílvia Parrat-Dayán, da Universidade de Genebra, para proferir a conferência de abertura, com o tema “*A maternagem nas diversas culturas*”, fruto de recente pesquisa em cinco países, para

verificar as ligações entre as diferentes práticas de maternagem dos primeiros meses do bebê, presentes em diversas culturas, e seu desenvolvimento motor e intelectual futuro.

A divulgação

A primeira providência, em termos de divulgação foi preparar um material de divulgação sobre o tema, que fosse bem sugestivo. Marilene Oliveira, atual funcionária das Oficinas Pedagógicas Caio Martins e ex-aluna do ISEAT foi responsável pela criação do cartaz abaixo, e também do Banner que foi colocado no auditório.



A divulgação do evento foi feita através do *site* da Fundação Helena Antipoff, através de listas de e-mails do CDPHA, em cartazes afixados no ISEAT e em outras instituições, assim como contatos na PUC-Minas, na UFMG e junto às Secretarias de Estado, e à Secretaria Municipal de Educação de Ibirité.

Foi elaborada a logomarca abaixo, representando o desenho infantil mostrado no cartaz, que esteve reproduzida no Banner, nos adesivos colocados nas pastas e nas fichas de inscrição das oficinas e minicursos:



A organização

A organização do evento ficou a cargo de uma comissão, formada pelas professoras Maria Therezinha Nunes, Maria das Graças Teixeira, Maria Mello Garcia, Adriana Araújo Pereira Borges e Alzira Maria Quiroga Mendoza. Esta equipe começou a se reunir no mês de outubro de 2008 e definiu as temáticas, procedeu ao convite aos palestrantes, abriu a chamada para os trabalhos, enviou projeto de financiamento para a FAPEMIG e providenciou o esquema de divulgação ainda nesse período, até o final de 2008.

Após o início do período letivo, em fevereiro de 2009, foram confirmadas as presenças, firmadas as parcerias e abertas as inscrições de minicursos e oficinas.

O formato adotado para a participação dos alunos no evento foi decidido em reunião com a direção do ISEAT, coordenadores de curso e analistas: seriam suspensas as aulas regulares de todos os cursos do ISEAT, configurando-se o XXVII Encontro Helena Antipoff como uma atividade acadêmica, incluída nas *Práticas Pedagógicas de Formação* previstas no PPI, de forma a possibilitar o intercâmbio de saberes entre os cursos.

Além das professoras, participou ativamente da organização do evento, a estagiária de pesquisa Tatiana Fontoura, que se incumbiu de secretariar o evento.

A equipe trabalhou permanentemente em conexão, em reuniões semanais como em contatos por meio eletrônico, construindo uma sintonia entre si, com relação aos objetivos e a temática do evento. Isso proporcionou uma grande coerência nas temáticas abordadas. Esse fato não passou despercebido dos alunos que, em diversas avaliações, manifestaram sua surpresa com o seqüenciamento das discussões levadas a efeito, o que, de acordo com suas opiniões, imprimiu ao evento *“uma complementariedade entre as discussões abordadas nas palestras”* (avaliação do 5º Período Manhã).

As inscrições – Neste ano foi adotado o pagamento de inscrição, no valor simbólico de dez reais para estudantes e vinte reais para profissionais. Isto permitiu à comissão organizadora dispor de recursos próprios para organizar materialmente o evento.

A inscrição garantia ao participante o certificado de participação, uma pasta equipada com caneta, papel para anotações e material de divulgação, gentilmente cedido pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes – SEDESE – através de sua Coordenadoria especial de políticas de proteção à Criança e Adolescente – CEPCAD¹, assim como a garantia de acesso a qualquer das atividades coletivas e em uma oficina, ou minicurso, à sua escolha.

O pagamento, no entanto, não impedia a participação de quem não pagasse. Estes ainda assim tinham acesso às atividades coletivas, como as sessões de cinema comentado, atividades culturais, visita às exposições e a possibilidade de participar das palestras e minicursos, desde que houvesse vagas disponíveis, através de senha distribuída no início de cada uma dessas sessões. As inscrições foram feitas através de fichas contendo dados de identificação do participante e pagas na tesouraria do CPPP/FHA.

Foram registradas 546 inscrições de estudantes, incluindo os alunos do ISEAT e 06 inscrições de profissionais, totalizando 552 inscrições. Este número excedeu nossas previsões iniciais de 400 participantes, nos obrigando a providenciar pastas, certificados e crachás extras na última hora. Por outro lado, também proporcionou uma receita excedente que, conforme decidido na Reunião do CDPHA, foi entregue ao Memorial Helena Antipoff em funcionamento na FHA, para custear despesas de materiais necessários à sua conservação.

¹ Foram doados exemplares de material produzido pela SEDESE, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, publicações sobre Adoção e o Plano Estadual de Desenvolvimento Social, além de outros materiais.

A participação em minicursos e oficinas - Depois da inscrição do participante no evento foram abertas as inscrições para minicursos e oficinas, que foram feitas mediante a apresentação da ficha de inscrição. Cada participante tinha direito a inscrição em um minicurso ou oficina, podendo, no entanto, participar de outros, desde que houvesse vagas disponíveis na 2ª atividade escolhida. No entanto, avaliamos que esse procedimento precisará ser melhorado em eventos futuros, pois não funcionou a contento, já que pessoas inscritas que se atrasaram perderam suas vagas e pessoas não inscritas entraram nas oficinas, não havendo um eficiente controle sobre os presentes.

A entrega das pastas e crachás – As pastas e crachás foram entregues no início do evento, mediante apresentação de ficha de inscrição e assinatura do participante em listas de controle de entrega, na secretaria do evento. Neste momento, contamos com grande colaboração dos colegas professores e de alunos, que auxiliaram nessa tarefa de distribuição das pastas e crachás.

Avaliação do evento

As avaliações finais realizadas junto às diversas turmas do Curso de Pedagogia informam que, de um modo geral, os alunos consideraram o XXVII Encontro Anual entre ótimo e muito bom. Quanto à participação dos alunos, nossa avaliação foi também positiva. Percebeu-se uma grande seriedade e boa participação dos alunos nas palestras e mesas redondas, com permanência até o final dos trabalhos; maior envolvimento nos debates, denotando compreensão dos temas que estavam sendo discutidos. Os debatedores igualmente avaliaram

positivamente, tanto a programação do evento, como a participação dos alunos.

Uma atividade considerada altamente positiva foi a inclusão das sessões de cinema comentado, avaliadas, tanto por seus animadores, como pelos alunos que participaram, como uma excelente atividade.

Participantes de fora do estado, como os que vieram do Rio Grande do Norte, igualmente avaliaram positivamente o evento, tanto em termos de atualidade da temática discutida, como pela competência dos palestrantes e debatedores. Declararam-se satisfeitos por terem vindo de tão longe e confirmaram sua participação em próximos eventos.

Comercialmente o evento não foi bem avaliado pelos expositores de livros, já que a venda destes não correspondeu às expectativas. Por outro lado, os participantes avaliaram que a seleção dos títulos trazidos para comercialização não foram satisfatórios.

Quanto à duração, a equipe considerou que o volume de atividades foi excessivo. Outra avaliação foi quanto à data, o mês de março, muito próxima ao início do semestre, o que fez com que a organização tenha se tornado um tanto *atropelada*. Para próximos eventos, precisaremos fechar programações, contatos, parcerias e inscrições com maior antecedência, pois este foi um dos pontos de estrangulamento na organização deste evento.

Exposição - 80 anos de Helena Antipoff no Brasil

Entre as atividades preparatórias para o Encontro foi feita uma discussão junto aos alunos dos 4^{os} e 5^{os} períodos do Curso de Pedagogia, na disciplina de Organização da Educação Infantil, sobre os

desafios postos para a infância em situações de crise econômica – enfocando os períodos de 1929 e 2009. Assim, a exposição buscou ilustrar, através de fotos e imagens, a cidade de Belo Horizonte em 1929 (foto 1) e as mudanças dos costumes das crianças desde então (foto 2) – pela turma do 4º período Noite. O 4º período - Manhã mostrou a situação da infância na contemporaneidade. Por outro lado, os 5ºs períodos discutiram sobre os princípios da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, que completa 50 anos neste ano (5º período Noite) (fotos 3 e 4). O 5º período Manhã fechou a discussão com a proposição de uma educação cidadã para o 3º milênio (fotos5).

Foto 1: A cidade de Belo Horizonte na década de 1920-1930



Foto 2: A criança de ontem e de hoje – brinquedos e vestuário



Fotos 3 e 4: Trabalho Declaração Universal dos direitos da criança o direito a uma moradia





A exposição teve um caráter mais visual e, através dos cartazes, imagens, objetos e instalações, os alunos procuraram causar nos visitantes um impacto que os levasse a refletir sobre os desafios que se colocam à infância na contemporaneidade.

A exposição procurou também, não só denunciar, mas refletir sobre as possibilidades e perspectivas da Educação no terceiro milênio, discutidas em torno dos *Quatro Pilares da Educação do terceiro milênio*, apresentados por Delors (1996).

As Palestras

O ponto alto do XXVII Encontro Anual Helena Antipoff foram as palestras. Em número de sete, elas abordaram, sob diversos pontos de vista, os dilemas que se apresentam à infância na contemporaneidade, com temáticas pertinentes e atuais. Como já é tradição nos Encontros Helena Antipoff, a professora **Sylvia Parrat-Dayan**, da Universidade de Genebra, novamente se apresentou abrindo o Encontro com a palestra *A maternagem nas diversas culturas*.



A professora Dra. Sylvia Parrat-Dayan fala em conferência magna.

Nesta palestra, a Profa Dra. Sylvia apresentou um relato de sua mais recente pesquisa, de cunho antropológico, investigando a diversidade cultural presente nas práticas de cuidado dos bebês em regiões como a Coréia, África e Peru, contrastando-as com o *modo europeu*, representado pela França. A palestra da noite, no primeiro dia (24/3) foi proferida pela Assistente Social **Fernanda Flaviana de Souza Martins**, Coordenadora Especial de Políticas Pró-criança e adolescente – CEPCAD, da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e teve como tema *Políticas públicas para a infância*. A palestra foi uma esclarecedora aula para os alunos, ao dissecar as medidas de proteção adotadas pelo Estado de Minas frente ao Estatuto da Criança e do Adolescente e contou ainda com a participação da promotora **Andréa Mismotto** que debateu sobre a função dos Conselhos Tutelares nessa missão e da representante da Frente de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, **Maria Alice da Silva**.

O segundo dia iniciou-se com uma mesa redonda que debateu a temática central da Semana - *A situação da infância na contemporaneidade*. Apresentada pela professora e pesquisadora **Maria Cristina Soares Gouvêa** (FAE - UFMG) que fez uma análise do que é ser criança numa perspectiva cidadã: ser ativo, que cria significados sobre o mundo, através de uma linguagem, seja ela o desenho, o brincar, a fala, a arte como um todo. A criança não reproduz o real, mas o interpreta, o significa de maneira peculiar, a partir de seu lugar social. Destacou a importância da construção da identidade infantil, o *eu* se dá através de seu pertencimento geracional, social, racial e étnico, de gênero, da estrutura social. Destacou também a necessidade de a escola trabalhar essa identidade de forma positivada.

O debate girou em torno às diferentes representações que são construídas sobre a infância e sobre a criança, que vêm condicionar o tratamento dado a elas nos diferentes períodos da história, e seu próprio reconhecimento como pessoa. Assim, o debatedor **Luiz Guilherme**, representante do UNICEF para Minas Gerais, mostrou como até a forma de se referir aos indivíduos dessa faixa etária trazem uma forte conotação política e ideológica. Quando, por exemplo, a imprensa se refere a um *Menor*, está referindo-se à criança pobre e desassistida socialmente. “*Menor, não em idade, mas em direitos – menos escola, menos espaço social, menos assistência*”. Já o termo “*criança ou adolescente*” se refere ao indivíduo da classe média.

A noite do segundo dia teve como evento principal a palestra com o tema *Perspectivas psico-pedagógicas da criança na contemporaneidade*, em que o **Prof. Sebastião Rogério Góes Monteiro**, do ISEAT/FHA traçou um giro sobre a história da constituição da Psicologia como ciência, desde o século XIX. Ele mostrou que esse campo é sempre marcado pela Medicina e, dessa forma influenciou a educação. Assim, o olhar do psicólogo – e do educador por ele influenciado, enxerga mais o que é patológico do que o que é saudável. A professora “entra em sala para perceber as patologias e se a criança não aprende, suspeita imediatamente de uma patologia. E desse modo preocupa-se mais em diagnosticar o que não funciona bem, o que falta, do que construir estratégias de incentivo do que é potencial na criança.

O terceiro dia iniciou-se com um fórum de discussão sobre o tema *Influências da mídia na cultura infantil*, reunindo dois pesquisadores, o jornalista **Cláudio Magalhães** - Mestre em Educação pela PUC-Minas e doutor pela FAE - UFMG – e o pedagogo **Rogério**

Corrêa Silva – Doutorando em Educação pela UFMG. Os dois pesquisadores discutiram os reflexos da mídia na construção da cultura infantil e a importância de a escola trabalhar no sentido de uma “educação do olhar”, desenvolvendo um trabalho de seleção dos conteúdos áudio-visuais que estão por toda parte. Cláudio Magalhães destacou os aspectos positivos dessa relação criança-mídia e alertou para a urgência de, nos cursos de formação de professores, serem tratadas as linguagens midiáticas, pois as crianças estão vivendo um mundo paralelo, apresentado pela TV, a Internet e os vídeo-games, com suas virtudes e seus defeitos, e a escola tem se mostrado alheia a esse universo.

Os debatedores desse fórum reforçaram as teses levantadas. O **Professor Roberto Márcio**, do ISEAT, reforçou a força das imagens midiáticas para a formação da criatividade. A professora **Dra. Sandra Pereira Tosta**, da PUC-MINAS lembrou que é necessário que incorporem em nossas preocupações, nossos programas, nossos currículos o debate sobre a mídia, frente à importância que ela tem na vida das pessoas. O **Professor José Adolfo**, diretor do programa infantil *Bango-balango*, produzido pela Rede Minas de Televisão falou sobre os desafios da produção de programas infantis, uma vez que quem os faz são adultos que, com frequência, projetam neles suas próprias infâncias. Assim surgem programas que mais refletem um saudosismo sem eco na vida das crianças contemporâneas. Lembrou que, se quisermos nos comunicar com as crianças, precisamos “*adentrar o universo da criança hoje*”.

A programação noturna do terceiro dia incluiu a Palestra *A patologização da infância*, por **Maria Raquel Botrel**, representando a

Professora Doutora Ana Lydia Santiago, que não pôde comparecer. Foi apresentado o projeto da referida professora, que propõe uma nova forma de intervenção nas escolas, utilizando a “*Conversação*”. A *Conversação* é um dispositivo clínico sugerido por Jacques-Alain Miller (1990), onde se privilegia o debate vivo entre os participantes sobre um tema tomado como problema, em busca de construções inéditas. Desde 1996 vem sendo utilizado pelo Cien – Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant, nos trabalhos de aplicação da psicanálise ao social. Como metodologia de pesquisa, foi adotado pelo NIPSE – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação, da Faculdade de Educação da UFMG, desde 2004. Logo após, foi realizada a Palestra do **Professor Doutor Marcelo Ricardo Pereira**, cujo tema *A objetualização da criança-sujeito*, provocou na platéia inúmeras intervenções. Para ele, as crianças de hoje são “facilmente rotuladas de hiperativas, dissociativas, desatentas, deficitárias, quando não são diagnosticadas como violentas, deprimidas, obesas ou com demais marcas no corpo que resistem aos saberes excessivamente descritivos dos transtornos médico-psicológicos. Os manuais de diagnóstico atuais parecem querer tecer uma língua comum entre todos os profissionais da criança, baseada no consenso estatístico, no ideal de visibilidade, na descrição esmerada, para que, dentro de uma margem mínima de erro, possam aplicar a tecnologia exata: a medicalização precisa, a psicologia pontual, a pedagogia sem aresta.”

Na manhã do último dia, uma Mesa Redonda reuniu quatro especialistas em Educação Infantil na Região Metropolitana de Belo Horizonte, para discutir o tema *Propostas pedagógicas para a Educação Infantil*. O debate trouxe à tona o relato dos avanços alcançados no

campo da Educação Infantil, desde as políticas públicas do MEC e os esforços empreendidos pelas Redes Municipais de Educação Infantil das prefeituras de Belo Horizonte, Contagem, Ibirité. Os participantes foram: **Vitória Líbia Barreto Faria** (Consultora do MEC), **Mairce Therezinha** (Coordenadora de Educação Infantil da SMED/BH), **Rosalba Lima** (Coordenadora de Educação Infantil da Secretaria de Educação de Contagem) e **Laila S. de Matos** – (consultora da SMED/Ibirité).

A Prof^a Vitória Líbia reiterou a perspectiva da infância como etapa fundamental para a constituição do sujeito e a importância de um trabalho pedagógico consistente (mas não *escolarizante*) nesta etapa da vida.

As debatedoras Mairce Therezinha, Rosalba e Laila mostraram como têm se desenvolvido as propostas político-pedagógicas das redes públicas de Educação Infantil das prefeituras de BH, Contagem e Ibirité, respectivamente, mostrando que a Educação Infantil é hoje uma realidade nos municípios, com propostas pedagógicas voltadas para a criança, vista como cidadã de direitos desde o seu nascimento. E que essas propostas não podem mais ser marcadas pelo voluntarismo espontaneísta, nem na antecipação da escolaridade. Como concluiu Rosalba, é a paixão que deve marcar a atuação do profissional da Educação Infantil, para poder ser um defensor dos direitos dessas crianças.

Sessões de cinema comentado – A programação do XXVII Encontro Anual Helena Antipoff incluiu sessões de cinema comentado, que foram muito bem avaliadas pelos alunos e participantes. Foram exibidos filmes que discutem os desafios da infância na contemporaneidade, permitindo discussões sobre esses dilemas. Assim,

Brinquedo Proibido foi comentado pela Professora Maria Therezinha Nunes; *Ma vie en rose*, comentado pelas professoras Sabina Maura e Vanessa Eleutério; e *O dia em que meus pais saíram de férias*, comentado pela Professora Maria das Graças Silva Teixeira. O filme *Ô de Casa*, que deveria ter sido comentado pela sua diretora Clarisse Alvarenga, não foi exibido, porque a diretora não pode comparecer.

Atividades culturais

Durante o Encontro foram ainda realizadas atividades culturais, nos intervalos de almoço e no final da tarde, apresentando talentos de alunos e professores dos cursos do ISEAT, assim como da funcionária Sandra Coelho, da Secretaria do ISEAT. A programação cultural esteve sob a coordenação do Professor Nicolau Prímola, coordenador do Curso de Ciências Biológicas do ISEAT e incluiu apresentações de voz e violão.

No encerramento do Encontro houve ainda a apresentação do projeto *Samba na Escola*, coordenado pela Professora Márcia Campos, do Curso de Educação Física, apresentando a Escola de Samba da Escola Municipal da Vila Pinho de Belo Horizonte.

Ainda durante a semana foram lançados, no dia 24/3, o livro **“Formação dos professores: diálogos com a experiência antipoffiana”**, da Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff, organizado pela Professora Maria Therezinha Nunes (que autografou os livros) e pela psicóloga Dra. Lilian Erichsen Nassif. Na quinta-feira, dia 26/3, houve também o lançamento do livro infantil **AEIOU**, de Zóe Rios, ilustrado por Ângela Lago, pela Ed. RHJ.

MINI CURSOS E OFICINAS OFERECIDOS

Mitos e contos de fadas
Tereza Pereira do Carmo – ISEAT/FHA

Descobrimo as formas geométricas
Sílvia Regina Porto da Rocha e Atacílio Alves Cavalcanti Filho –
ISEAT/FHA

A música no ensino de inglês
Adriana Mancini – ISEAT/FHA

Brincando e aprendendo Ciências: experimentos de física com material
reciclável
José Rogério Garcia Resende – ISEAT/FHA

Artes plásticas na educação infantil
Márcia Consuelo Firmino Data e Maria do Carmo Mendonça – Centro
Educativo Pés no Chão

A utilização de weblogs na educação
Regina Mara Ribeiro Cruz – ISEAT/FHA

O sentido (des)velado do *Era uma vez ...* Os contos de fadas e a
construção de um imaginário de gênero
Flávia Alcântara Flávia Couto e Adilson Dumont - Grupo de Estudos
sobre Gênero, Sexualidade, Sexo e Educação - FaE-UFMG

Jogos cooperativos: aprender a conviver
Juliana Cardoso, Paula Patrícia da Silva, Dayane Aparecida Oliveira
Peixoto e Patrícia Guimarães – ISEAT/FHA

Educação Infantil: do cuidar ao educar
Sílvia Parrat-Dayán - Universidade de Genebra

Contar histórias para crianças de hoje: ato que ainda encanta
Daniela Perri Bandeira de Albuquerque – ISEAT/FHA

Construindo WebQuests

Marina Nunes Durães – ISEAT/FHA

Noções da educação ambiental a partir da filosofia de Helena Antipoff

Jonathan Luiz Trindade de Carvalho – ISEAT/FHA

A criança e a sociedade de consumo

Léa Márcia Ferreira Nicácio – ISEAT/FHA

Aspectos Éticos e Metodológicos em pesquisas para crianças

Sebastião Rogério Góis Moreira – ISEAT/FHA

Hip-Hop para crianças e adolescentes

Evelin e Marta – ISEAT/FHA

Construção de instrumentos musicais

Cristina – ISEAT/FHA

Salsa Cubana

Aginaldo Antônio da Silva – ISEAT/FHA

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

TEMA 1: A CRIANÇA E SUA SUBJETIVIDADE

DATA: 24/03/2009

LOCAL: Sala 15

COORDENAÇÃO: Adriana Araújo Pereira Borges

- 1) A criança na psicanálise – Maria Gláucia P. Calzavara – FaE/UFMG e Regina Helena de Freitas Campos – FaE/UFMG
- 2) A constituição da subjetividade na criança – Maristela Rossato e Alóbertina Mitjans Martinez – UNB
- 3) O menino e seu pai – Adriana Araújo P. Borges – ISEAT/FHA

TEMA 2: O DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA

DATA: 24/03/2009

LOCAL: Sala 51

COORDENAÇÃO: Ronaldo Alvim

- 1) Violência e contemporaneidade: o trabalho das oficinas junto ao controle de homicídios entre os jovens – Andréa Máris Campos Guerra – FAFICH/UFMG e outros
- 2) A criança da psicanálise de Freud e Lacan, dos aglomerados e dos estúdios e passarelas – Tânia Ferreira – FaE/UFMG
- 3) Experiência elementar e psicologia: da consciência de si à construção do contexto educacional - Lícia Caetano Maia e Miguel Mafhoud – FAFICH/UFMG

TEMA 3: A CRIANÇA NA OBRA DE HELENA ANTIPOFF

DATA: 25/03/2009

LOCAL: Sala 15

COORDENAÇÃO: Maria Therezinha Nunes

- 1) A(s) criança(s) no pensamento de Helena Antipoff – Iza Rodrigues da Luz e Regina Helena de Freitas Campos – FaE/UFMG
- 2) Os idéias e interesses das crianças mineiras de 1929 a 2009: os 80 anos de trajetória de uma pesquisa proposta por Helena Antipoff – Érika Lourenço – FaE/UFMG
- 3) O conteúdo de psicologia na formação de educadores de crianças no Brasil: de 1890 a 1962 – Deolinda Armani Turci e Sérgio Dias Cirino – FaE/UFMG
- 4) A História da educação infantil no curso de Pedagogia – Maria Therezinha Nunes – ISEAT/FHA

TEMA 4: A CRIANÇA E SEUS SINTOMAS

DATA: 25/03/2009

LOCAL: Sala 51

COORDENAÇÃO: Raquel Brandão Toussaint

- 1) Crianças talentosas, educação e processo sublimatório: qual o resultado desta equação? Rosalva Maia Martins dos Santos – UFMG
- 2) A criança TDAH na representação do professor – Raquel Cabral de Mesquita e Regina Helena de Freitas Campos – FaE/UFMG
- 3) Acolhimento coletivo: experiências de um serviço de atendimento de saúde mental infanto-juvenil – Raquel B. Toussaint – SEDESE/MG e Membros da Clínica Psicopedagógica da FHA.

TEMA: A CRIANÇA NA ESCOLA

DATA: 26/03/2009

LOCAL: Auditório da Fundação Helena Antipoff

COORDENAÇÃO: Marina Nogueira

- 1) A educação de crianças hoje: quando o excesso de sentido segrega o sujeito – Margarete Parreira Miranda e Ana Lydia B. Santiago – FaE/UFMG
- 2) A sexualidade freqüente a escola – Magda Balbino Casarotti e Ana Lydia B. Santiago –FaE/UFMG
- 3) A criança, o professor e os fenômenos subjetivos na escola – Jácia Soares Santos e Ana Lydia B. Santiago – FaE/UFMG
- 4) A relação família e escola na educação de meninas e de meninos na idade de zero a três anos – Maria das Graças Oliveira – FaE/UNICAMP

TEMA: A CRIANÇA NA INCLUSÃO

DATA: 26/03/2009

LOCAL: Sala 51

COORDENAÇÃO: Cristiane

- 1) Das classes homogêneas à educação inclusiva: a psicologia do excepcional na obra de Helena Antipoff – Sérgio Domingues – FACISA/UNIVIÇOSA
- 2) Helena Antipoff e a criança “excepcional” mineira nas décadas de 1930 e 1940: o trabalho como princípio educativo – Heulalia Charalo Rafante e Roseli Esquerdo Lopes – UFSCAR
- 3) Retorno a um passado recente: o Projeto Sala de recusos e o atendimento a crianças especiais – Rita de Cássia Vieira - FaE/UFMG

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

TEMA 1

A CRIANÇA E SUA SUBJETIVIDADE

A criança na psicanálise

Maria Gláucia P. Calzavara

Regina Helena Freitas de Campos

Faculdade de Educação da UFMG

Este trabalho tem como objetivo apresentar, no contexto histórico da inserção da psicanálise freudiana no início do séc. XX, como se processou a entrada da criança no discurso analítico. Parte de um breve trajeto da história da criança, indicando as diferentes posições que esta ocupou ao longo do tempo, e chega ao séc. XX com Freud e a partir de Lacan possibilitando um novo campo de investigação sobre a criança. Philippe Ariès (1981), no seu livro *História social da criança e da família*, nos convida a percorrer a história, demarcando as diferentes posições que a criança ocupou ao longo do tempo. Ele nos apresenta uma criança, que é fruto de uma construção ao longo da história, em conformidade com a cultura e a ordem social em que estava inserida, demonstrando que a criança que hoje conhecemos nunca esteve neste lugar. Em cada época, diz Ferreira (2001), o lugar social que é definido para a criança é resultado dos discursos proferidos em relação à representação que se tem delas em cada momento na sociedade. Essas especificidades que a nossa sociedade atribui à criança – com suas características físicas, comportamentais, psicológicas, necessidades e atitudes, em outras épocas, eram absolutamente impensáveis. O estudo do desenvolvimento humano no âmbito da psicologia esteve, em sua origem, vinculado à classificação e mensuração das condutas infantis. Com a escolarização, as instituições se viram convocadas a organizar o sistema escolar, consolidando a prática de agrupamento das crianças, segundo sua idade e desempenho, o que culminou em práticas de classificação e ordenação das crianças na escola, conforme a ciência psicológica. Nesse momento, nascia uma clínica da infância, na qual os aspectos de um desenvolvimento “ideal” do sujeito imperavam, buscando, dentro de uma suposta “normalidade”, minimizar as possíveis diferenças entre os sujeitos na infância, por meio de critérios padronizados e práticas de intervenção. No início do séc. XX, a difusão

da psicanálise foi um elemento que, sem dúvida, contribuiu para essa mudança de perspectiva sobre a época da infância, buscando delimitar uma clínica do infantil, que apresenta a perspectiva subjetiva, em detrimento da clínica da infância. O entendimento da criança para a psicanálise parte da definição de criança que não participa das fases do desenvolvimento propostas pela psicologia. Para a psicanálise, tanto a criança como o adulto são sujeitos que não têm idade, pois se trata do sujeito do inconsciente. Inserido em uma sociedade onde o pensamento de Rousseau imperava, Freud(1905/1980) dá lugar a diferentes teorizações sobre a criança em sua obra, sem ser capturado pelo pensamento dele. É nesse cenário que Freud vai falar do inconsciente e da sexualidade infantil e, assim, contestar a idéia de inocência da criança. A idéia de uma “natureza infantil” passível de ser “modelada”, “moldada”, seja pela educação ou pela psicologia, é logo cedo desconstruída por Freud. A psicanálise, com Freud e a partir de Lacan nos apresenta um novo discurso sobre o sujeito, discurso esse marcado pelo inconsciente. Portanto, a criança que a psicanálise descortina é um sujeito de desejo, que não tem idade, pois é o sujeito do inconsciente.

A constituição da subjetividade na criança

**Maristela Rossato
Albertina Mitjáns Martínez**

Universidade de Brasília

Esta pesquisa teve por objetivo identificar como se constitui a subjetividade em crianças identificadas com dificuldades de aprendizagem no ambiente escolar. Destacamos o termo *criança* para distingui-lo de *aluno*, uma vez que nos interessava ver o sujeito na sua integralidade em condições de aprendizagem formal. Pesquisar a constituição da subjetividade na criança – assim como do jovem ou do adulto – implica no resgate do sujeito. Pensar no sujeito/criança está longe de ser o aligeiramento ou amadurecimento para fase adulta, mas considerado nas bases que González Rey define como sujeito, ou seja, um ser vivo, ativo, pensante, presente e que se posiciona. Esses atributos utilizados para definir o sujeito, quando pensados como um sistema complexo, submetido permanentemente às tensões das rupturas tornando sua expressão imprevisível, caracteriza a subjetividade. As definições apresentadas – sujeito e subjetividade – podem ser usadas com a criança uma vez que descrevem características facilmente identificadas no curso de suas atividades: brincadeiras, jogos, lazer, estudo, etc. Participaram da pesquisa cinco alunos das séries/anos iniciais de uma escola pública do Distrito Federal. Para o estudo da subjetividade nos orientamos nos fundamentos da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey – produção do conhecimento como um processo construtivo-interpretativo, ênfase no singular e nas relações dialógicas – mesmo autor da Teoria da Subjetividade – orientada na perspectiva histórico-cultural. A pesquisa foi realizada por meio de estudo de casos múltiplos e utilizamos instrumentos que envolveram desenhos, relatos orais, completamento de frases e jogos com temas diversos, mas direcionados ao objetivo da pesquisa. As informações produzidas foram analisadas de modo a gerarem indicadores que permitiram às pesquisadoras “construir” os principais aspectos da subjetividade das crianças participantes. As análises das informações produzidas com as crianças que contribuíram para a

pesquisa apontaram que a subjetividade é constituída a partir de diferentes zonas da realidade – incluindo a escola – que as mesmas estão inseridas. As crianças levam para a escola toda a complexidade relacional de outras zonas da realidade – família, lazer, igreja, amizades – que produzem diferentes sentidos subjetivos presentificados no aprender. Ao mesmo tempo, no curso da atividade escolar são produzidos novos sentidos subjetivos que influenciam os primeiros numa relação complexa e dinâmica. Outro aspecto importante, resultado da análise das informações produzidas, refere-se ao abandono do *ser criança* pela escola valorizando somente o *ser aluno*, implicando significativamente na compreensão do sujeito identificado com dificuldades de aprendizagem. O aluno não tem sido considerado como um *sujeito que aprende*, sem relações dicotômicas entre a cognição e a emoção, o individual e o social, o objetivo e o subjetivo.

O Menino e seu pai

Adriana Araújo P. Borges

**Instituto Superior de Educação da Fundação Helena Antipoff
Centro de Pesquisa e Documentação Helena Antipoff**

Desde Freud sabemos que a família ocupa um lugar privilegiado na vida fantasmática dos sujeitos, pois a relação estabelecida entre a criança e seus progenitores é fundamental para a constituição psíquica de cada um. O que não significa que pai e mãe ocupem os mesmos lugares. Para a psicanálise de orientação lacaniana, o que está em jogo é o *Desejo da mãe* e o *Nome-do-pai*, conceitos norteadores na teoria e na clínica. Na atualidade presenciamos um intenso debate sobre as conseqüências das mudanças do papel do pai na sociedade e suas implicações subjetivas. Para Freud, o pai foi um enigma que ele tentou decifrar ao elaborar os três mitos: *Édipo*, *Totem e Tabu* e *Moisés e o Monoteísmo*. Se a figura do pai se articula à Lei e se a modernidade presencia o declínio desta *Imago*, como pensar a relação do menino com seu pai na atualidade? Enquanto o mito de Édipo é trabalhado aos poucos por Freud em vários textos, até o momento em que ele forja o próprio conceito de Complexo de Édipo, *Totem e Tabu* e *Moisés e o Monoteísmo* foram escritos na forma de ensaios que tratam preponderantemente da religião, em que o poder do pai é reafirmado. É possível encontrar um ponto em comum muito relevante entre esses ensaios e o mito de Édipo: a presença do pai, mas não de um pai qualquer, a presença do pai morto. Há, portanto, três mitos sobre o pai em Freud, mas todos eles com este elemento que repete e que insiste: a morte do pai, mais especificamente a morte do pai pelos filhos. Para discutir esta relação tão importante, a relação do pai com o filho, elegemos o caso Hans. Hans é um caso paradigmático da posição do menino diante da castração. De acordo com Lacan, o caso aponta para o verdadeiro objetivo do Édipo masculino, ou seja, que este possa um dia ter acesso a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um

pai. Assim, o filho pode ou não se constituir como objeto de desejo na mulher. A Psicanálise ensina que o desejo de ser mãe depende do atravessamento do Édipo e, como todo desejo, é singular. Mas, para que o menino possa ser pai, é necessário jogar o “jogo de quem perde ganha” (Lacan, 1957), ou seja, a paternidade implica a castração como ponto de partida. O acesso a paternidade, portanto, está profundamente ligado a relação de um menino com seu pai.

TEMA 2

O desaparecimento da infância

*Violência e contemporaneidade:
trabalho das oficinas junto ao controle de
homicídios entre jovens*

Andréa Máris Campos Guerra

Professora do Departamento de Psicologia-FAFICH-UFMG

Jacqueline de Oliveira Moreira

Professora do Mestrado em Psicologia da PUC Minas

Nádia Laguárdia de Lima

Professora de Psicologia na PUC Minas

Kátia Silva Simões

Diretora do Programa FicaVivo!-SEDS MG

Maira Cristina Soares Freitas

Técnica do Programa FicaVivo!-SEDS MG

Marina Xavier de Miranda Pompeu

Técnica do Programa FicaVivo!-SEDS MG

Bárbara Pompeu

Bolsista da FAPEMIG e aluna de Psicologia na PUC Minas

Camila Noberto

Aluna de Psicologia na PUC Minas e voluntária em Iniciação Científica

Naiane Nascimento

Bolsista do FIP/CNPq e aluna de Psicologia na PUC Minas

A partir da pesquisa “A construção do laço social de jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta”, financiada pela FAPEMIG e pelo FIP/PUCMinas, discutiremos hipóteses acerca da construção da subjetivação e do enlaçamento de jovens moradores de

territórios urbanos violentos, visando a análise de recursos de intervenção, mais especialmente, oficinas comunitárias, como metodologia de controle de homicídios. Revisando o tema da violência urbana entre jovens, verificamos que o contexto nacional de convivência com a desigualdade social acirra essa violência em aglomerados. Ela é potencializada: 1) pela ausência de um referente simbólico subjetivo (em geral centrado na figura paterna); 2) pela experiência da adolescência (transição que marca a perda do corpo e dos pais infantis, bem como o encontro com o outro sexo); 3) bem como pela experiência errante de desfiliação histórica, que caracteriza a contemporaneidade. Dessa maneira, supomos que, diante da precariedade de significação subjetiva e social na contemporaneidade, o jovem tenta encontrar novas formas de estabelecer-se no laço social, buscando uma amarra coletiva pela via do crime. Assim, a entrada num circuito criminoso pode oferecer, diante dessa carência simbólica, uma promessa de sentido social e uma ilusão afetiva, favorecendo a violência. Assim, intervenções estatais visando a redução de danos são implementadas, dentre elas, em Minas Gerais, o programa de controle de homicídios FicaVivo! da Secretaria Estadual de Defesa Social (SEDS). Ele “visa trabalhar com jovens de 12 a 24 anos, em especial com jovens envolvidos em situações de violência e criminalidade. O foco é o controle de homicídios e, num passo a mais, possibilitar a convivência em comunidade”(SEDS, 2008). O programa intervém por meio de uma gestão coordenada de ações de Proteção Social e de Intervenção Estratégica. No campo da proteção social, oficinas variadas favorecem o acesso dos jovens ao esporte, à cultura, ao lazer e à profissionalização, bem como abrem espaços para a constituição de novos laços. São definidas pelo programa como uma estratégia de aproximação, mais que de ocupação ou profissionalização. Em geral, são moradores das próprias comunidades que as conduzem. O que se pretende transmitir aos jovens são formas alternativas de lidar com a violência, bem como a oferta de um lugar de endereçamento e pertencimento. Verificamos, numa etapa preliminar de investigação, que:

- As oficinas variam conforme: estilo da coordenação; método de trabalho e dinâmica da oficina; atividade realizada; local em que ocorre; público que a freqüenta.
- São orientadas em termos gerais pelo programa, mas ganham sua particularidade a partir da incidência do oficineiro, que a singulariza.
- A oficina também aparece como espaço social importante em si mesmo, ponto de encontro, espaço de diálogo, promovendo um contato dentro e fora dela, e principalmente em seu entorno.

- Há, para cada jovem, um uso particular da oficina, que pode ou não coincidir com o doicineiro ou com o do programa, mas que respeita suas normas.
- Verifica-se que o programa permite uma maior circulação de seus integrantes (oficineiros e jovens) na comunidade.
- A ação do oficineiro tem um efeito simbólico: sua ação concreta na oficina gera efeitos subjetivos nos participantes.

Experiência elementar e psicologia: da consciência de si à construção do contexto educacional

*Lícia Caetano Maia
Miguel Mahfoud*

FAFICH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG –
Universidade Federal de Minas Gerais

A pesquisa analisa um método de intervenção psicológica realizada em escola com alunos de EJA – Educação para Jovens e Adultos de um colégio em Belo Horizonte. Adota como referencial teórico o conceito de experiência elementar de Luigi Giussani e objetiva compreender se e como uma posição pessoal pautada no reconhecimento das exigências ontológicas pode levar o aluno a ações modificadoras e construtivas no contexto educacional. No método analisado, os psicólogos interviram através de grupos temáticos iniciados com a exposição do aspecto ontológico contido no tema, ou seja, enfocando a exigência existencial presente nele. A intervenção, durante o desenvolvimento do grupo, consistiu em apontar a exigência emergente na experiência relatada pelos alunos, facilitando o movimento propriamente humano de busca que levava a ativação de seus recursos pessoais no posicionamento frente à realidade pessoal, institucional e social. Os sujeitos são alunos de quinze a cinquenta anos, de curso noturno, trabalham e apresentam, em sua maioria, situação econômica desfavorável. Através da análise fenomenológica de 30 relatórios descritivos, verificou-se que a intervenção psicológica em questão facilitou a elaboração de um posicionamento pessoal por parte dos alunos que incidiu no contexto sócio-cultural, principalmente, no contexto escolar. Eles começaram a conversar entre si no decorrer dos grupos com o objetivo de melhorar os relacionamentos e relataram fazer o mesmo em outros momentos tanto em relação aos colegas quanto aos professores e familiares; reconheceram que estudar era algo significativo para eles e passaram a se empenhar com as atividades escolares; começaram a solicitar da coordenação pedagógica ações que percebiam como significativas para si mesmos e discutiram com padrões sobre mudanças nas condições de trabalho e/ou situações vividas como injustas. Trata-se de uma formação humana pelo desenvolvimento da capacidade de enfrentamento da

realidade partindo do que é significativo para si: as exigências ontológicas. Portanto, no âmbito educacional, facilitar esse processo humano levou os alunos ao desenvolvimento da autonomia, da liberdade, da responsabilidade e da criatividade como resultantes de uma consciência de si e da afirmação de suas próprias exigências. Conclui-se que, ao afirmar a realização de uma exigência ontológica, os alunos assumem um posicionamento frente à realidade melhorando o relacionamento entre eles e com os professores, empenhando-se com as atividades do curso e dialogando com a coordenação pedagógica. O cuidado com estes aspectos, por parte dos alunos, criou na escola um contexto de relacionamentos de apoio mútuo, de compreensão em relação aos professores e de interesse pelos estudos que facilitou tanto a formação pessoal desses estudantes quanto a aprendizagem dos mesmos e o trabalho desenvolvido pelos educadores. Neste sentido, uma postura pessoal de busca pela realização de si mesmo através de um cuidado com as exigências colaborou para a formação humana dos alunos e este movimento pessoal, ao se concretizar em um posicionamento, contribuiu, nesta escola, para a construção de um contexto favorável ao crescimento humano e à aprendizagem.

TEMA 3

A criança na obra de Helena Antipoff

A(s) criança(s) no pensamento de Helena Antipoff

*Iza Rodrigues da Luz - Universidade Federal de Minas Gerais
Regina Helena de Freitas Campos*

Universidade Federal de Minas Gerais/LAPED

O presente trabalho teve por objetivo apresentar algumas das idéias de Helena Antipoff sobre a(s) criança(s). Helena Antipoff foi uma das psicólogas e educadoras pioneiras na adaptação de testes psicológicos para a população infantil de Minas Gerais. Convidada pelo Governo do Estado Gerais no ano de 1929 veio para o Brasil para trabalhar na Escola de Aperfeiçoamento. Atuou como professora de psicologia, coordenadora do Laboratório de Psicologia e assessora ao sistema de ensino na aplicação de testes de inteligência, que visavam organizar as “classes homogêneas” por nível intelectual e as classes especiais. Organizou, na própria Escola, o “Museu da Criança”, que consistia no acervo de documentação das experiências das alunas da Escola de Aperfeiçoamento, entre eles relatórios contendo informações sobre aspectos da personalidade, do desenvolvimento físico e social de cada aluno, além de um levantamento do rendimento escolar e seus fatores determinantes. Reunia ainda estudos práticos que faziam parte de um extenso programa de pesquisa sobre o desenvolvimento mental, ideais e interesses das crianças mineiras. Considerando esse extenso trabalho que teve continuidade nas instituições criadas por Helena Antipoff na Fazenda do Rosário, o objetivo do estudo foi identificar suas idéias e percepções sobre a(s) criança(s). Para tanto foram lidos os textos reunidos na coletânea *Helena Antipoff: textos escolhidos*, organizada por Regina Helena de Freitas Campos no ano de 2002. As técnicas da análise de conteúdo (Bardin, 1979) foram utilizadas como metodologia para analisar os textos. As idéias mais marcantes foram agrupadas em torno de três categorias: o processo de desenvolvimento, o ideal de educação e a relação adulto-criança. Os resultados apresentam uma caracterização sintética do pensamento da autora sobre os temas, ilustrada pelas citações mais representativas. O modo como Antipoff percebe a(s) criança(s) transparece a influência funcionalista de sua formação em Genebra com Edouard Claparède e suas experiências com a psicologia cultural na Rússia. Sensível as influências socioculturais, Antipoff desenvolve o conceito de *inteligência civilizada* evidenciando o

quanto os testes psicológicos estavam limitados a um padrão específico de comportamento que não conseguia abarcar todas as variações culturais. Também introduziu uma mudança importante na denominação das crianças que apresentavam deficiências cognitivas, propondo que a denominação criança retardada fosse substituída por criança *excepcional*. Ciente da plasticidade orgânica das crianças, advogava que medidas psicopedagógicas podiam reverter os baixos resultados nos testes de inteligência decorrentes de pouca estimulação intelectual. Por fim, ressalta-se que a sensibilidade que a autora demonstra em relação a caracterização da(s) criança(s) a aproxima em alguns pontos das discussões recentes trazidas pela sociologia da infância, em especial a defesa de um modo próprio de organização e atividade que deve ser respeitado e reconhecido pelos adultos.

Os ideais e interesses das crianças mineiras de 1929 a 2009: os 80 anos de trajetória de uma pesquisa proposta por Helena Antipoff

Érika Lourenço

Universidade Federal de Minas Gerais

A pesquisa dos ideais e interesses das crianças mineiras foi realizada pela primeira vez pela educadora e psicóloga Helena Antipoff no ano de 1929, quando lecionava Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte. O contexto era o da reforma do ensino promovida por Francisco Campos em Minas Gerais. O público alvo da pesquisa eram as crianças matriculadas na quarta série das escolas públicas de Belo Horizonte e o objetivo da pesquisa era conhecer os objetos de interesse e de identificação dessas crianças. Considerando que as propostas da Reforma Francisco Campos se fundamentavam largamente nas idéias escolanovistas, segundo as quais o ensino deveria ter como ponto de partida o aluno e seus interesses, os resultados da pesquisa proposta por Helena Antipoff seriam usados para auxiliar na implementação das mudanças no sistema de ensino primário. O inquérito dos ideais e interesses utilizado na pesquisa de 1929 foi aperfeiçoado e novamente aplicado sob a orientação de Helena Antipoff a cada cinco anos até o ano de 1944. Objetivava-se então avaliar os impactos da reforma do ensino no modo de pensar, ou seja, nos interesses e ideais das crianças. A partir da década de 1990, o inquérito cujas aplicações haviam sido interrompidas com o fechamento da Escola de Aperfeiçoamento, passou a ser novamente empregado em pesquisas realizadas em Belo Horizonte e em outras cidades mineiras. Dentre os objetivos dessas pesquisas, destaca-se o estudo das mudanças nos ideais e interesses das crianças mineiras ao longo das últimas décadas. Este trabalho visou traçar a trajetória da pesquisa dos ideais e interesses das crianças mineiras desde o ano de 1929 até o ano de 2009. As fontes utilizadas foram artigos e relatórios de pesquisas que versavam sobre a aplicação do inquérito dos ideais e interesses, sendo considerados tanto aqueles publicados por Helena Antipoff e por suas colaboradoras como

os que foram publicados a partir da década de 1990. A análise comparativa desse material revelou as transformações pelas quais a infância mineira vem passando desde meados do século XX, transformações essas que se revelam na redução do papel que instâncias socializadoras tradicionais como a família, a escola e a igreja vêm exercendo na definição dos ideais infantis; na presença cada vez mais marcante da mídia como agência socializadora; no aumento do interesse pelo consumismo; no aumento do egocentrismo e por variações nos valores morais. O material estudado revelou também que o inquérito dos ideais e interesses se mostra como um interessante instrumento tanto para o treinamento de estagiários de cursos de licenciatura e alunos de iniciação científica em metodologia de pesquisa, como para o levantamento dos gostos, das preferências, das projeções feitas para o futuro e dos modelos identificatórios escolhidos por crianças dos anos intermediários do ensino fundamental. Assim, resta dizer que 80 anos após a sua primeira aplicação feita por Helena Antipoff em Minas Gerais, a pesquisa dos ideais e interesses ainda pode ser considerada atual.

O conteúdo de Psicologia na formação de educadores de crianças no Brasil: de 1890 a 1962.

*Deolinda Armani Turci
Sergio Dias Cirino*

Faculdade de Educação - UFMG

As idéias psicológicas se relacionam ao fenômeno e a prática educativa desde o período colonial brasileiro conforme alguns autores. O objetivo deste texto é evidenciar contribuições da psicologia para a educação de crianças, através da formação de professores no final do século XIX e início do século XX. Utilizando-se da revisão de algumas obras bibliográficas, dentre as diversas já existentes, buscamos recortar fatos que preconizam os conceitos Psicológicos vinculados a educação e restauram as contribuições da Psicologia na educação de crianças, através da formação de professores. Neste período vários fatos como algumas *reformas estaduais propiciaram a inclusão do conteúdo de Psicologia no ensino secundarista, ensino este que era responsável pela formação de educadores de crianças neste período. No início do século XX, algumas escolas normais espalhadas pelo Brasil, aderiram às reformas e a disciplina Pedagogia foi dividida oficialmente em Pedagogia e Psicologia. Estes e outros fatos, impulsionaram mais ainda o desenvolvimento da Psicologia no ensino normal. Também em Minas Gerais, várias escolas de ensino normal secundário utilizavam o conteúdo de Psicologia neste período. Em 1929, a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais constituiu-se como palco importante produtor de conhecimento, ensino e experiências educacionais baseadas na Psicologia, e mais tarde se fundiu com a Escola Normal, dando origem ao Instituto de Educação, sob a direção da Professora Helena Antipoff. A formação de professores para o trabalho e educação de crianças é um aspecto relevante na obra de Helena Antipoff. Em 1934, a disciplina de Psicologia é incluída como disciplina de Ensino Superior e contribuirá mais ainda na formação de Licenciados de cursos distintos. Diante de vários esforços a Psicologia está presente e se destaca como área do saber também na formação de educadores de crianças e além disto e como tal é legitimada pela legislação em 1962, Lei 4119, que reconhece a profissão de Psicólogo. Nesta oportunidade as especificações são legisladas em de três habilitações:*

Bacharel, Licenciado e Psicólogo, oportunizando os profissionais formados a continuarem contribuindo para a formação de educadores de crianças.

A História da Educação Infantil no Curso de Pedagogia

Maria Therezinha Nunes

Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff

A presente comunicação tem o objetivo de refletir teoricamente sobre a importância da disciplina História da Infância e da Educação Infantil na formação de professores da Educação Infantil e das séries iniciais. Que História da Infância construir para o curso de Pedagogia? Que questões são importantes para os professores compreenderem a construção social da infância, a criação dos espaços próprios para criança, sua educação, as relações com o mundo adulto e as “infâncias” no mundo contemporâneo?

O trabalho com a História da Infância na formação de professores no curso é um desafio a ser enfrentado. O estudo da infância é novo, se visto pela ótica das novas propostas da historiografia do século XX, a chamada História Cultural das práticas e representações, que objetivou ultrapassar a História da Educação vista apenas pelas idéias pedagógicas, ou uma historicização das políticas educacionais produzindo-se uma “história desencarnada”. Outra questão é o fato da História da Infância ter a característica de uma disciplina, ainda em construção, com uma cartografia de representações de infância com temas variados, comunicados em geral em fóruns de pesquisas e debates e que respondem a questões relativas as “infâncias” em uma pluralidade de culturas em tempos e espaços diversos.

TEMA 4

A criança e seus sintomas

Crianças Talentosas, Educação e Processo Sublimatório: qual o resultado dessa equação?

Rosalva Maria Martins dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho pretende tecer algumas considerações a respeito das crianças e adolescentes dotados de altas habilidades/superdotados no contexto escolar, a partir de um exame do conceito psicanalítico de sublimação e suas diferentes concepções, ressaltando, a importância do processo sublimatório na educação, qual a participação do educador nesse processo e como que ele pode contribuir e direcionar a energia que move as pulsões ditas perversas nas crianças. A educação, portanto, pode trazer valiosas contribuições para a formação do caráter do indivíduo, na medida em que as pulsões de natureza perversa na criança, não são submetidas à repressão, mas desviadas dos seus objetivos originais para outros fins mais valiosos, através do processo da sublimação, que está ancorado nas pulsões sexuais parciais e perversas. Portanto, é aí que a educação atua, lançando mão desse potencial que a criança apresenta, das pulsões que a movem, que exigem e pressionam, por uma satisfação que jamais será atingida. É com essa energia da pulsão sexual que a educação trabalha, ao transformá-la em curiosidade de saber. Esse desvio na finalidade da pulsão impede que a energia sexual seja acumulada e fique desorganizada, e que acaba fazendo com que uma criança de inteligência ágil, cheia de energia e curiosidade, tenha essa energia desviada para atuações marginais e prejudiciais à sociedade. É essa libido, presente em todos os seres humanos, e mais ativa numa criança superdotada, que oferece o ingrediente da sublimação. Penso que o educador que tenha ferramentas eficientes e saiba lidar com essas ferramentas, deva ter um papel preponderante na capacidade de sublimação, e de organização dessas pulsões que tornam, as crianças, em particular as crianças talentosas, tão necessitadas de oportunidades para direcionar sua libido para objetivos e ações culturais e humanitárias. No entanto, Freud não propõe que a educação extinga tais pulsões, mas sim, que as utilize em direção a valores superiores, pois conforme suas palavras: *“sem perversão, não há sublimação”*.

A criança TDAH na representação do professor

Raquel Cabral de Mesquita

Faculdade de Educação - UFMG

O transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDAH) tem alcançado grande difusão midiática e se manifesta como patologia coerente com a época atual. Mesmo com toda a polêmica e incertezas (diagnósticas, epidemiológicas e etiológicas) que o reveste, o TDAH apresenta-se como um diagnóstico privilegiado para justificar e nomear os problemas atuais da escola, tais como o “fracasso escolar” e os “desvios de comportamento”. Esse diagnóstico tem propiciado a atual via de acesso do discurso médico à educação, fortalecendo o fenômeno de patologização e medicalização dos problemas escolares. Neste fenômeno de patologização, o fracasso ou a inadequação escolar de uma criança desloca-se do eixo de uma discussão educacional para causas e soluções médicas. Numa pesquisa qualitativa, tendo como objetivo principal investigar as representações dos professores frente a esse transtorno, recorreu-se a metodologia de Representação Social visando alcançar tal objetivo. Através da utilização de três recursos metodológicos – evocação livre, entrevistas e grupo focal – foi possível chegar aos resultados de que na representação dos professores o TDAH está mais associado aos comportamentos escolares desviantes do que à presença de uma doença. Assim, pôde-se concluir que o TDAH é uma nomeação bastante usada para referi-se os comportamentos apresentados pela criança como um diferencial do padrão ideal normativo, que incomodam a escola nos dias atuais e são causadores do mal-estar docente. Os comportamentos das crianças mais relacionados pelos professores ao TDAH foram: “Desconcentração” (58,88%), “Inquietação” (48,88%), “Agitação” (42,22%), “Desatenção” (34,44%), “Agressividade” (28,88%), “Dificuldade de aprendizagem”(23,33%), “Desorganização”(16,66%), “Sem Limite” (14,44%), “Falante”(14,44%), “Atividade”(11,11%). Mesmo que variados problemas escolares podem ser nomeados com o diagnóstico de TDAH, podemos sintetizar, através das construções representativas dos educadores, os conceitos “desconcentração/ desatenção” e “inquietação/ agitação” para descrever tal transtorno no contexto escolar. Esses conceitos remetem

respectivamente, às dificuldades de aprendizagem e aos desvios de comportamentos; problemas que marcam o cenário escolar atual. Esse fato pode corresponder a grande incidência desse diagnóstico, nos últimos tempos, no referido contexto e leva a crer que a criança TDAH é o protótipo atual da “criança problema”. As caracterizações da “criança problema” no âmbito escolar atual correspondem exatamente às descrições feitas pelos professores dos comportamentos sintomáticos das crianças com TDAH. Se esse transtorno é apontado como a principal causa de encaminhamento de crianças, em idade escolar, para serviços especializados, isto se deve a maleabilidade desse diagnóstico evidenciada nos discursos dos professores e confirmada por servir-se às várias classes sociais, aos agitados e aos quietos, aos muito inteligentes e aos pouco dotados, aos passivos e aos ativos, aos hiperconcentrados e aos distraídos, aos indisciplinados e aos apáticos. Portanto, pode se concluir que a criança problema nos dias atuais pode ser representada pela criança TDAH.

*Acolhimento coletivo: experiências em um
serviço de atendimento de saúde mental infanto-
juvenil*

Raquel Brandão Toussaint

Diretora do Observatório de Direitos Humanos – SEDESE-MG

Gláucia Mascarenhas Mourthé

Gerente de Clínica Psicopedagógica - FHA

Ana Paula Moura dos Santos Ferreira

Fonoaudióloga – FHA

Carla Adriana Diniz Amaral

Psicóloga - FHA

Jane Martins Santos

Psicóloga – FHA

Lucilene Alves da Costa

Psicóloga - FHA

Marcela Camargos Dias

Psicóloga – FHA

Maria José Carneiro

Psicóloga - FHA

O presente artigo tem por objetivo discutir a prática do “acolhimento coletivo” utilizada pela equipe de profissionais da clínica “Edouard Claparède”. Tal prática tem como foco dinamizar o processo de triagem dos pacientes que procuram por atendimento psicológico, fonoaudiológico e psiquiátrico na clínica. O que se buscou com a implantação dessa forma de acolhimento foi diminuir o tempo de espera pelo atendimento clínico aos pacientes, e também promover um espaço de trocas de experiências entre os usuários do serviço de

saúde-mental infanto-juvenil. Nossa proposta de trabalho está pautada em um modelo de saúde baseado na humanização do serviço público de saúde e na satisfação dos profissionais e dos usuários. Para discutirmos essa prática clínica nos baseamos em estudos sobre atendimentos em saúde mental infanto-juvenil e em acolhimentos em saúde pública. O texto apresenta o relato das várias alternativas utilizadas pela equipe para realizar a triagem do serviço. Neste percurso, são discutidos os pontos positivos e negativos de cada experiência. Construimos um diálogo entre nossa prática clínica e os conceitos de coletivo, acolhimento, aconselhamento e orientação a pais. Por fim, descrevemos o que estamos chamando de “acolhimento coletivo” e apresentamos os benefícios dessa prática. Consideramos esta experiência importante para todo e qualquer serviço de saúde, mas principalmente para os que atendem crianças e adolescentes. Este trabalho também implicou na motivação dos pais e/ou responsáveis para compreensão da dinâmica das relações pais e filhos e das principais necessidades da criança. O “acolhimento coletivo” trouxe como resultado agilidade e qualidade na maneira de receber os usuários. Este procedimento vai muito além de uma simples triagem, é um momento de construção conjunta e se apresenta como uma forma mais humana de tratar o “outro”. Foi possível observar as famílias construir saídas para suas angústias coletivamente e, desta forma, apresentarem respostas terapêuticas imediatas.

TEMA 5

A criança na escola

A educação de crianças hoje: quando o excesso de sentido segrega o sujeito

*Margarete Parreira Miranda
Ana Lydia Santiago*

Faculdade de Educação - UFMG

Investigar situações perturbadoras para os professores no ato de ensinar as crianças brasileiras a ler e escrever, tem sido o foco de nosso trabalho de pesquisa-intervenção em psicanálise aplicada à educação, nos últimos quatro anos. A intervenção proposta é a de fazer uma oferta de palavra para os educadores, por meio da metodologia da Conversação[1]. O objetivo é destacar, no dizer dos professores, o que sobressai como elemento insuportável, incongruente ou carregado de um sentido indesejado, e relançar a conversa introduzindo-se, às vezes, alguns referenciais teóricos, que permitam refletir de outra maneira sobre uma dada realidade. Embora as propostas pedagógicas atuais valorizem as experiências das crianças nas práticas de ensino, paradoxalmente, ter acesso ao modo de viver daqueles meninos, à dura realidade que enfrentam e às tensões a serem superadas no dia-a-dia, atinge os educadores fazendo-os recuar, muitas vezes, com certo horror. "Sendo testemunha do pai morto à facadas, como essa criança pode sobrepujar o trauma e aprender a ler?", interroga uma professora. Interpretar as vivências infantis e dar-lhes infindáveis significações desemboca, quase sempre, em identificações maciças daquelas experiências. Os aforismos que daí decorre se sobrepõem à singularidade do laço com o Outro, segregando aspectos da subjetividade do aluno. Como consequência disso, a criança poderá não aprender, não porque pertence a uma cultura diferente, mas, pelo impacto que isso causa no ser do educador, que, conseqüentemente, não supõe à ela um saber. O que desfavorece a inserção da criança na escola deixa de ser algo que falta ao seu ambiente, para se ligar ao que excede nas representações docentes acerca do que vive e de como vive. A psicanálise trata a questão da segregação do sujeito, sustentada por referências que esclarecem como ele se constitui, e as modalidades particulares de enlaçamento que une cada um ao social, por intermédio do discurso. Para Lacan (1998/1953, p.301) "a função da linguagem não é informar, mas evocar", e, fiel a esse

aporte, ele associa a comunicação baseada na informação, à redundância, à superabundância e ao excesso. De outro lado, a comunicação humana, segundo Lacan, considerada como evocação, abre trava para a expressão do que de mais íntimo ressoa no sujeito. No presente artigo, portanto, partiremos da equação constituída pelos educadores: "Criança-problema = família problemática", comprovando ser possível provocar um giro em suas pressuposições, desde que se expressem sobre o insuportável que os assola no ato de educar crianças. Buscaremos versões psicanalíticas em Freud (1977/1905), Lacan (1998/1953), Miller (2007) e outros, sobre a concepção de família, argumentando que a família que estrutura psicologicamente o sujeito não se prende aos artifícios da realidade objetiva, porém, atende a uma invenção particular de cada um a partir dela. Demonstraremos assim, que a correspondência: "criança-problema = família problemática" é uma equação que não fecha.

[1] A Conversação é um dispositivo clínico sugerido por Jacques-Alain Miller(1990), onde se privilegia o debate vivo entre os participantes sobre um tema tomado como problema, em busca de construções inéditas. Desde 1996 vem sendo utilizado pelo Cien – Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant, nos trabalhos de aplicação da psicanálise ao social. Como metodologia de pesquisa, foi adotado pelo NIPSE – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação, da Faculdade de Educação da UFMG, desde 2004.

A sexualidade infantil frequenta a escola

*Magda Balbino Casarotti
Ana Lydía B. Santiago*

Faculdade de Educação - UFMG

O presente artigo objetiva discorrer sobre as dificuldades dos professores da educação infantil frente às questões da sexualidade por parte dos alunos e de que maneira isso interfere na ação pedagógica. Neste sentido, o texto se fundamentará em uma interface entre o campo de estudos da Educação e o da Psicanálise. Mais especificamente, trataremos de discutir o tema sexualidade na escola a partir de fragmentos da conversação realizada com professores de uma escola da rede particular de BH com base nos referenciais teóricos da Psicanálise. A ausência de um saber pré-determinado para lidar com a sexualidade, na escola, gera mal-estar. Falar e reconhecer a existência da sexualidade infantil ainda é extremamente embaraçoso para a maioria dos adultos. Os professores são acometidos por um mal-estar no momento em que identificam uma manifestação sexual em uma criança muito pequena. Tal situação traz inquietações e medo ao educador, que não sabe se deve ou se pode intervir e como fazê-lo de forma adequada. Estas manifestações, comuns no dia-a-dia da escola da infância, provocam diversos conflitos, não só em relação à dinâmica escola/família, mas, sobretudo em relação às respostas dos profissionais, que são sempre pegos de surpresa e quase nunca se consideram preparados para lidar com as questões das crianças referentes à sexualidade. O que dizer? Como intervir? A resposta dada estaria correta, adequada, ou pode acarretar alguma consequência para o desenvolvimento da criança? Essa incerteza quanto ao agir diante de uma manifestação da sexualidade e as indagações que decorrem disso levam a uma pergunta que poderia ser formulada da seguinte maneira: o não-saber agir nestes momentos, caracteriza a época atual? Ou sobressai da angústia suscitada pela cena que a criança convoca o adulto a assistir?

A criança, o professor e os fenômenos subjetivos na escola.

*Jácia Soares Santos
Ana Lydia Bezerra Santiago*

Faculdade de Educação - UFMG

Pesquisadores que investem na aplicação da psicanálise à educação já destacaram que a transferência² entre aluno e professor faz-se indispensável para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça. Porém, nosso trabalho nas escolas públicas municipais, por meio do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (Nipse)³, fez-nos perceber que a transferência – enquanto um dos elementos favorecedores da aprendizagem – é, muitas vezes, impedida de se instalar, a partir da manifestação de dois fenômenos antagônicos: o amor erotizado⁴ e a recusa. Tais fenômenos, conforme contatamos, são mais freqüentes no trabalho com crianças menores, sobretudo nos ciclos de alfabetização. A criança que manifesta o amor erotizado, cria uma dependência afetiva pelo professor, demanda mais atenção, quer, a todo tempo, abraçar e ser abraçada, ou seja, fica muito próxima, mas uma proximidade que incomoda; que é da ordem do excesso. Nessas situações, o amor erotizado pode surgir como um impedimento para a

² No campo da psicanálise a transferência é definida como um laço afetivo intenso que se instaura de maneira automática e de forma atual entre os personagens de uma relação e testemunha do fato de que a nossa organização subjetiva é comandada por um elemento pulsional que Jacques Lacan chamou de objeto (a).

³ Núcleo de pesquisa coordenado por Ana Lydia Santiago, vinculado ao Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff (Laped) e ao Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant (CIEN), da Fundação do Campo Freudiano ao IPSM-MG-Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Em parceria com este último, o NIPSE desenvolve semestralmente Ciclos de Conferências sobre Psicanálise e Educação, cujo intuito é divulgar os resultados das Conversações sobre os sintomas do ato de educar na vida contemporânea. Com financiamento da Secretaria Municipal de Educação, vem realizando intervenções clínico-pedagógicas nas trinta e três escolas municipais com menor Índice de Desenvolvimento Escolar Básico (IDEB).

⁴ Erotizado, para a psicanálise, é tudo que impede o sujeito de trabalhar. Erotizar a função equivale a sexualizar o não-sexual, num processo inverso, poder-se-ia dizer, ao da sublimação.

aprendizagem, uma vez que a criança volta a sua energia e o seu interesse para a figura do professor, negligenciando o conhecimento por ele transmitido. Nesses casos, o que anseia a criança, ao amar demasiadamente seu professor? Qual tem sido a reação dos professores diante da demanda de amor de seus alunos? No extremo oposto, a recusa – outro fenômeno que serve de empecilho à instalação do vínculo transferencial – é uma atitude decidida de oposição. Diz respeito aos casos em que a criança hostiliza o professor, ao ponto de tentar anular a sua presença e a sua autoridade. Nesses casos, a recusa do professor pode levar a criança a abdicar do saber por ele transmitido, uma vez que, conforme Cordiè (2001), os alunos não distinguem o professor da disciplina por ele lecionada. Diante dessas circunstâncias, qual tem sido a interpretação dos professores? O professor é capaz de distinguir o que é concernente à sua função e o que concerne à sua pessoa? Da parte das crianças, o que está em jogo quando se hostiliza um professor? Por ser os fenômenos de amor erotizado e de recusa, nas palavras de Santiago (2008), sintomas da educação⁵, dois dentre os milhares de fatores que podem impedir o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, é que nos interessa estudá-los. Aqui, importa-nos apresentar como o professor tem respondido a essas manifestações afetivas de seus alunos e qual delas considera mais difícil de suportar. No que diz respeito às crianças, interessa-nos explicar sobre o que está em jogo quando se recusa ou se ama demasiadamente o professor. Nesse sentido, apresentaremos, ainda, no trabalho, dois casos que ilustrem a ocorrência, desses dois fenômenos, no espaço escolar, mostrando quais as conseqüências surgidas a partir da sua instalação e como podem ser manejados pelos educadores.

⁵ Os sintomas escolares aparecem, conforme Santiago (2005), sob a forma da não aprendizagem (fracasso escolar), da violência, da agressividade, etc.

A relação família e escola na educação de meninas e meninos na idade de zero a três anos

Maria das Graças Oliveira

Doutoranda em Educação - UNICAMP

O presente trabalho pretende socializar uma pesquisa sobre a educação das crianças de zero a três anos de idade em instituições públicas na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. A investigação, ainda em andamento, tem como objetivo saber como as famílias e as instituições compartilham a educação dos meninos e das meninas. Parte-se do pressuposto que é nas relações cotidianas que esses sujeitos se constroem. Nesse sentido as famílias, as crianças e as educadoras configuram suas práticas educativas nessas relações permeadas por múltiplas relações de poder (Foucault, 1986; Certeau, 1998). Considera-se que as relações de classe, de gênero, de etnias e entre gerações são constituídas e constituem as práticas cotidianas. Torna-se relevante desvelar de que maneira as mesmas são construídas e em qual direção a educação das crianças segue nestas instituições públicas municipais. A investigação qualitativa desenvolveu-se no cotidiano de duas Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIS) nas turmas de crianças de zero a três anos. Foram realizadas entrevistas com as famílias das crianças, com as educadoras e com a coordenação pedagógica das instituições. Nas situações analisadas procurou-se desvelar as estratégias utilizadas pelas instituições e pelas famílias para se relacionarem no dia-a-dia. E ainda perceber quais seriam os consensos e os conflitos surgidos nessas relações. Concomitantemente foram analisadas algumas apropriações que as crianças constroem acerca das relações intrageracionais e intergeracionais. Percebeu-se que nessas práticas sociais as relações de gênero e a sexualidade são apropriadas pelos sujeitos (crianças e educadoras) de maneira ambígua, ora (re)produzindo um modelo ainda hegemônico socialmente, ora apontando para transgressões e resistências a esse mesmo modelo. Por outro lado, as relações entre as famílias e as educadoras demanda das mesmas outros saberes, outras formas de constituição das relações

sociais nas instituições, enfim, outras formas de ser e estar-no-mundo (Ricoeur, 1981).

TEMA 6

A criança e a inclusão

Das classes homogêneas à educação Inclusiva: a psicologia do excepcionalna obra de Helena Antipoff

Sérgio Domingues

Faculdade de Ciências da Saúde – FACISA - UNIVIÇOSA

Uma das principais personagens da psicologia da educação no Brasil é a Psicóloga russa Helena Antipoff. Aluna e seguidora de Edouard Claparède desenvolveu seus trabalhos na Universidade de Genebra e na Maison de Petits, além de ter atuado em estações médico-pedagógicas russas após a revolução de 1917. Contudo, foi no Brasil, país em que viveu a partir de 1929, que ela desenvolveu grande parte de sua obra e elaborou os conceitos e propostas aqui abordadas. Apesar de ter exercido grande influência na educação parte da obra antipoffiana continua ainda pouco estudada no que se refere à psicologia do Excepcional. Neste momento torna-se importante um resgate da obra dessa autora e das experiências por ela implementadas na educação dos Excepcionais, pois suas propostas podem auxiliar educadores e psicólogos na construção de uma política de Inclusão efetiva e adequada à realidade brasileira, haja vista que as práticas dessa autora foram realizadas respeitando e valorizando as especificidades do contexto sócio-cultural do país. Alguns pontos da obra antipoffiana merecem especial destaque no que concerne à educação dos excepcionais. Entre eles estão às propostas de “Homogeneização das Classes Escolares” e da técnica de “Ortopedia Metal”, e os conceitos de “Inteligência Civilizada” e de “Excepcionalidade”. Antipoff, pioneira nesta área, desenvolveu seus trabalhos entre as décadas de 1930 e 1970. Sobre a proposta de homogeneização das classes escolares a própria autora considera, num segundo momento, que há menos perigo em ver crianças excepcionais e desequilibradas ao lado dos normais do que separadas em classes especiais. Essa mudança de perspectiva aproxima a proposta de Antipoff das políticas de educação inclusiva. A partir de uma concepção funcional da inteligência, Antipoff propôs a adoção de programas de “Ortopedia Mental” propondo que fossem aplicados aos alunos tratamentos que buscassem os tornar aptos para a educação, sendo considerada uma ginástica psicológica. Entre os

conceitos elaborados por Antipoff estão os de Inteligência Civilizada o qual retira do sujeito à responsabilidade por sua inapetência para a educação formal, desviando o foco para a sua condição sócio-histórica, considerando que não se trata de uma deficiência estrutural, mas de uma situação vivencial, possível de ser alterada com um método educativo mais eficaz e que leve esses aspectos sociais em conta. Outro conceito inovador para a época é o de Excepcionalidade, enfatizando os problemas de ajustamento ao meio sociocultural como determinantes de sua causa. Para Antipoff, a deficiência não seria do aluno propriamente, mas decorreria de uma falta de ajustamento da sociedade às reais necessidades da criança. Considera-se que conhecer melhor estas propostas levará a uma melhor compreensão da história e das práticas na educação dos excepcionais. As referidas propostas e conceitos mostram uma concepção funcional, o que reflete a formação intelectual da autora, assim como aproxima suas práticas daquelas que são hoje propostas nas políticas de educação inclusiva, ressaltando a atualidade da obra antipoffiana e a importância do resgate da mesma.

Helena Antipoff e a criança “excepcional” mineira nas décadas de 1930 e 1940: o trabalho como princípio educativo⁶

**Heulalia Charalo Rafante
Roseli Esquerdo Lopes**

Universidade Federal de São Carlos

Este trabalho apresenta uma pesquisa histórica, baseada em fontes documentais, cuja análise buscou apreender a ação de Helena Antipoff junto às crianças “excepcionais” mineiras na década de 1930 e 1940. Descreve-se a trajetória de Helena Antipoff desde seu país de origem, a Rússia, perpassando o período em que ela residiu na França e na Suíça (1908-1916), sua volta para a Rússia (1916-1924) e, ainda, sua permanência na Suíça (1925-1927), até receber o convite para trabalhar em Minas Gerais, no âmbito da Reforma de Ensino Francisco Campos (1927), assim como sua atuação no ensino mineiro na década de 1930. Nesse percurso, tratou-se de compreender quais as experiências e princípios científicos constituíram a base que orientou a prática de Helena Antipoff na educação em Minas Gerais, bem como de conhecer as motivações para a criação de instituições para atender às crianças “excepcionais”: a Sociedade Pestalozzi (1932), o Instituto Pestalozzi (1934), o Pavilhão de Natal (1935) e a Fazenda do Rosário (1940). Após o exercício de tentar compreender os caminhos que levaram à criação de instituições para atender às crianças consideradas “excepcionais”, parte-se para a análise das ações desenvolvidas nessas instituições, verificando como se materializaram os princípios educativos preconizados pela educadora. Em busca desses objetivos, realizamos a

⁶ Este trabalho compõe a Dissertação de Mestrado intitulada “Helena Antipoff e o Ensino na Capital Mineira: a Fazenda do Rosário e a Educação pelo Trabalho dos Meninos ‘Excepcionais’ de 1940 a 1948”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por Heulalia Charalo Rafante, sob orientação da Profa. Dra. Roseli Esquerdo Lopes, financiada pela CAPES e defendida em setembro de 2006.

pesquisa documental a partir dos artigos escritos por Helena Antipoff, apresentando resultados de pesquisas, os textos referentes às palestras, conferências, seminários proferidos por ela. Destacamos que a educadora não escreveu nenhum livro, pois segundo Daniel Antipoff (1975), ela preferiu agir e ensinar pelas ações. Essa característica da educadora nos levou a uma garimpagem nos documentos, facilitada pelo fato de que, grande parte dos textos, encontra-se reunido em cinco volumes, organizados pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, sob coordenação da professora Regina Helena Freitas Campos. Outras fontes foram os diários escritos pelas professoras da Fazenda do Rosário. Todavia, não localizamos todos os diários da década de 1940. Trabalhamos com um documento inédito, intitulado “A Fazenda do Rosário Através dos Registros”, em que Helena Antipoff fez um recorte dos diários das professoras e organizou o texto, apresentando passagens do cotidiano da Fazenda. Verificamos que os princípios da “Escola Sob Medida”, elaborados por Edouard Claparède, e o método de “Experimentação Natural”, organizado por Alexandre Lazursky, fundamentaram a prática pedagógica de Helena Antipoff e, em sua atuação junto ao sistema de ensino mineiro, a educadora percebeu que a escola não atendia às necessidades das crianças, justamente por não incorporar os princípios científicos preconizados pela pedagogia experimental. Assim, Helena Antipoff direcionou sua ação no sentido de criar instituições para receber essas crianças consideradas “excepcionais”, retirando-as do sistema de ensino oficial, sob a justificativa de que a escola era responsável pela não adaptação dessas crianças. Quanto à materialização dos princípios antipoffianos, percebemos que o trabalho constituiu-se em fio condutor das atividades desenvolvidas junto às crianças “excepcionais” em todas as instituições criadas por Helena Antipoff em Minas Gerais na década de 1930 e 1940: o Instituto Pestalozzi, o Pavilhão de Natal e a Fazenda do Rosário.

Retorno a um passado recente: o Projeto Sala de Recursos e o atendimento a crianças especiais

Rita de Cássia Vieira

Universidade Federal de Minas Gerais

O texto tem por objetivo apresentar o Projeto Sala de Recursos, desenvolvido por psicólogos na então Divisão de Psicologia Edouard Claparède da Fundação Helena Antipoff durante quase toda a década de 1980. Hoje denominada Clínica de Psicologia Edouard Claparède, essa instituição criada pela psicóloga e educadora russa Helena Antipoff, foi uma das precursoras no estabelecimento e consolidação da psicologia da educação em Minas e no país. Esse projeto destacou-se no atendimento a crianças *especiais*, que eram encaminhadas pelas escolas da região para avaliação psicológica. Ao fazer o encaminhamento, a intenção das escolas era, tendo como respaldo essa avaliação, retirar essas crianças das classes comuns e encaminhá-las a uma escola especializada, onde elas poderiam receber um atendimento diferenciado. Ao realizar um processo diferenciado de trabalho, preocupado com a interpretação sócio-cultural dos processos psicológicos e com a inclusão escolar e social das crianças atendidas, o projeto tinha como objetivo a reinserção dessas crianças – já previamente diagnosticadas pelas escolas como *especiais* – nas escolas comuns, onde elas poderiam prosseguir nas suas vidas escolares em condições de igualdade com as outras crianças, consideradas *normais*. Os dados que dão suporte a esse trabalho foram coletados através de análise dos laudos psicológicos – utilizando-se a modalidade fenomenológica de pesquisa em Psicologia –, estudo dos arquivos documentais da Clínica e entrevistas semi-estruturadas. Integram, ainda, um acervo maior de dados da pesquisa de doutorado da autora, intitulada “O psicólogo e o seu fazer na Educação: contando uma outra história”, defendida no ano de 2008 na Faculdade de Educação da UFMG.

**ASSUNTOS
DO
CDPHA**

Ata da Assembléia Geral do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), realizada na Fundação Helena Antipoff, em Ibité, MG, no dia 27 de março de 2009. Presentes: Adriana Araújo Pereira Borges, Alzira Maria Quiroga Mendoza, Ângelo Filomeno Palhares Leite, Doralice Almeida Campos, Maria das Graças Teixeira, Maria Therezinha Nunes, Neide de Oliveira Magalhães, Olinda Terezinha da Silva Caetano, Regina Helena de Freitas Campos, Sérgio Domingues, Sílvia Parrat-Dayan, Tatiana Fontoura Fernandes. Dando início aos trabalhos, a Presidente do CDPHA, Regina Helena de Freitas Campos, apresentou o relatório e a prestação de contas referente ao período 2007-2009. O relatório apresentou as seguintes realizações: 1) Organização do XXV Encontro Anual Helena Antipoff, realizado na Fundação Helena Antipoff, em Ibité, MG, nos dias 28, 29 e 30 de março de 2007, com o tema “Formação de Professores do Ensino Básico: diálogos com a experiência antipoffiana”. O evento foi promovido pelo CDPHA em parceria com a Fundação Helena Antipoff, o Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT), a Faculdade de Educação da UFMG, o Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Minas Gerais, e contou com o apoio do Programa de Mestrado em Educação da UNIPAC. O tema escolhido para o encontro - “Formação de Professores do Ensino Básico: diálogos com a experiência antipoffiana” – teve por objetivo promover a discussão sobre projetos e concepções de formação de professores para o ensino básico no Brasil à luz da experiência liderada por Helena Antipoff na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, nos anos de 1930, e na Fazenda do Rosário, a partir dos anos de 1940. Foram convidados pesquisadores vinculados a grupos de pesquisa e programas

de pós-graduação na área das Ciências da Educação como o Laboratório de Psicologia da Educação Helena Antipoff-LAPED, o Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE), da Faculdade de Educação da UFMG, o Grupo de Pesquisa de Profissão Docente (GPPDOC) do Programa de Pós Graduação em Educação da PUC/Minas), entre outros. Participou também do evento a pesquisadora Silvia Parrat-Dayan, dos Arquivos Jean Piaget, Universidade de Genebra. O evento contou com o apoio da FAPEMIG; 2) Organização do XXVI Encontro Anual Helena Antipoff, realizado na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) nos dias 24, 25 e 26.3.2008, e promovido pelo CDPHA em associação com a Fundação Helena Antipoff e a Faculdade de Educação da UFMG, contando com o apoio do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG, Laped (Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff), Biblioteca Universitária da UFMG, Associação Pestalozzi de Minas Gerais e da Fundação CAPES do Ministério da Educação. O evento foi realizado em conjunto com o VII Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia, e teve como tema “Patrimônio cultural, museus, ciência e educação – diálogos”. Os conferencistas convidados trataram do tema focalizando aspectos da organização de museus e centros de documentação em história das ciências, história da educação e em especial da história da psicologia. O XXVI Encontro Anual Helena Antipoff foi realizado na Faculdade de Educação e na Biblioteca Central da UFMG, e algumas das sessões e conferências foram realizadas na Fundação Helena Antipoff, em Ibitaré, MG. O evento reuniu um grupo de professores, pesquisadores, especialistas e estudantes de graduação e de pós-graduação interessados nas questões relativas às funções educativas do

patrimônio cultural e dos museus de educação e de ciências. Durante o evento, foram realizadas 2 conferências, 3 simpósios e 3 mesas-redondas, com a participação dos conferencistas convidados. Foram também realizadas 6 sessões de comunicações coordenadas para apresentação dos 42 trabalhos de pesquisa selecionados. A pesquisadora Sílvia Parrat-Dayan participou também deste evento, a convite do CDPHA e como parte de suas atribuições no Acordo de Cooperação Acadêmica e Científica firmado entre a UFMG e a Fundação Arquivos Jean Piaget, Universidade de Genebra; 3) Publicações: foi editado e publicado pelo CDPHA o Boletim do CDPHA 20, 2008. A partir de 2008, foi iniciada uma nova coleção intitulada *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, destinada à publicação dos trabalhos completos apresentados nos eventos e selecionados pelo Conselho Editorial. A Coleção é coordenada por Regina Helena de Freitas Campos e Maria Therezinha Nunes, e fazem parte do Conselho Editorial os professores Ana Lydía Santiago – UfmG, Ana Maria Jacó-Vilela – Uerj, Carlos Henrique Gerken – Ufsj, Érika Lourenço – UfmG, Francisco Teixeira Portugal – Ufrj, Irene Melo Pinheiro – Fha, Marcos Vieira Silva – Ufsj, Maria do Carmo Coutinho de Moraes – Apmg, Maria do Carmo Guedes – Puc-SP, Marina Massimi – Usp-RP, Miguel Mahfoud – UfmG, Mitsuko Antunes – Puc-SP, Raquel Martins de Assis – UfmG, Sebastião Rogério Góis Moreira – Unipac, Sérgio Cirino – UfmG, Sílvia Parrat-Dayan – Unige e William Barbosa Gomes – Ufrgs. Nessa Coleção foram editados e publicados dois volumes, contendo os trabalhos apresentados no XXIV e XXV Encontros Anuais Helena Antipoff, a saber: *Instituições e Psicologia no Brasil*, organizado por Regina Helena de Freitas Campos e Rita de Cássia Vieira (Rio de Janeiro: Editora Nau, 2007) e *Formação de*

Professores: diálogos com a experiência antipoffiana, organizado por Maria Therezinha Nunes e Lillian Erichsen Nassif (Belo Horizonte: Editora Pucminas, 2008). O terceiro volume está em fase de organização, contendo os trabalhos apresentados no XXVI Encontro Anual realizado em 2008; 4) Pesquisas realizadas: no período 2007-2009, o grupo vinculado à seção UFMG do CDPHA finalizou o projeto de pesquisa “Édouard Claparède e a psicologia da educação no Brasil”, coordenado por Regina H. F. Campos, com a colaboração de Denise Nepomuceno, Sérgio Domingues e Lillian Erichsen Nassif. O grupo vinculado à Seção do CDPHA da Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, deu continuidade ao projeto “Depoimentos orais sobre a trajetória e o legado de Helena Antipoff”, coordenado pela Prof. Maria Therezinha Nunes, realizando entrevistas com participantes da experiência da Fazenda do Rosário entre 1950 e 1970; 5) Conservação do acervo do CDPHA: as atividades de conservação e restauração dos documentos que compõem o acervo do CDPHA na Seção UFMG e na Seção Ibirité tiveram continuidade. Na UFMG, as atividades de conservação e restauração dos documentos ficaram a cargo da equipe do CECOR-UFMG (Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis), sob a coordenação da Profa. Bethânea Reis Veloso e o apoio de bolsistas de Iniciação Científica do CNPq; na Seção Ibirité, o trabalho de conservação e restauração do acervo foi realizado no próprio local, pela equipe responsável pelo Memorial Helena Antipoff. 6) Museu da Criança: os participantes concordaram que o CDPHA colabore no estabelecimento desse Museu, conforme proposta da Coordenadoria de Políticas Públicas; 7) Tema para o XXVIII Encontro Anual Helena Antipoff: após discussões, ficou decidido que o tema do próximo evento, o XXVIII, será “Concepções de

aprendizagem e práticas educativas – história e atualidade”; 8) Eleição da nova diretoria do CDPHA. Decorridos dois anos da última eleição, foi realizada a eleição da diretoria para o período 2009-2011, que ficou assim constituída: Presidente de honra: Otília Braga Antipoff; Presidente: Regina Helena de Freitas Campos; Vice-presidentes: Irene Melo Pinheiro (FHA); Celso Furtado de Azevedo (Associação Pestalozzi); Demetreos Navaes Neves (Acorda); Leda Maria da Costa (ADAV); Conselho Fiscal – Titulares: Ângelo Filomeno Palhares Leite, Cecília Andrade Antipoff, Maria Melo; Suplentes: Elizabeth Coutinho de Moraes, Elizabeth Dias Mounaier; Conselho Consultivo: Adilson Dumont, Maria do Carmo Coutinho de Moraes, Magda Salete Silva Reis, Regina Célia Pereira Campos, Sérgio Domingues, Neide de Oliveira Magalhães e Sérgio Farnese; Diretoria Técnica: Maria Therezinha Nunes, Priscila Augusta Lima, Sérgio Cirino, Maria Therezinha Andrade, Alzira Maria Quiroga Mendoza, Adriana Araújo Pereira Borges; Diretoria Administrativa: Érika Lourenço, e Rogério de Alvarenga; Coordenadores regionais: Olinda Terezinha da Silva Caetano (Seção Ibirité) e Raquel Martins de Assis (Seção UFMG); Diretoria Financeira: Doralice Almeida Campos de Araújo, Ernani Henrique Fazzi e Maria das Graças Silva Teixeira. Após a eleição da Diretoria encerrou-se a reunião, da qual foi lavrada a presente Ata, que vai por mim assinada, Regina Helena de Freitas Campos, Presidente, e pelos demais presentes.

Ibirité, MG, 27 de março de 2009.

Boletim do CDPHA - Instruções para os autores

O *Boletim do CDPHA*, editado anualmente pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) desde 1981, é registrado sob o número ISSN 1806-1931 (*International Standard Serial Number*) como publicação periódica. Com tiragem de 500 exemplares, o *Boletim* é distribuído aos sócios do CDPHA e aos participantes dos Encontros Anuais Helena Antipoff e, em regime de permuta, a bibliotecas e instituições científicas através da Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1980 com os objetivos de preservar a memória e divulgar a obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974), cuja contribuição como profissional e como pesquisadora nas áreas da psicologia e da educação é amplamente reconhecida, no Brasil e no exterior. Nascida em Grodno, na Rússia, Helena Antipoff fez estudos superiores em Psicologia e Educação em Paris (1908-1912) e Genebra (1912-1914). Em 1929, veio para o Brasil a convite do governo mineiro, para dirigir o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte (um dos primeiros laboratórios de psicologia instalados no país) e colaborar na implantação da reforma de ensino Francisco Campos, inspirada nos ideais da Escola Nova. Radicou-se no Brasil a partir dessa época e desenvolveu extenso trabalho nas áreas da psicologia e educação, em especial na pesquisa em psicologia experimental, fundamentos da

educação, educação de excepcionais e educação rural. Fundadora da Sociedade Pestalozzi (para a educação de excepcionais) e da cadeira de Psicologia da Educação na Universidade Federal de Minas Gerais, seu trabalho é respeitado pelo pioneirismo na orientação socioconstrutivista em psicologia e pelo caráter humanista e politicamente informado de suas iniciativas. As informações completas sobre sua trajetória constam do *Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais* (organizado por Maria de Lourdes Fávero e Jader Britto, Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP, 1999) e do *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil – Pioneiros* (organizado por Regina Helena F. Campos, Rio de Janeiro: Imago/Conselho Federal de Psicologia, 2001), num testemunho da expressão de sua obra como psicóloga e educadora.

O CDPHA cuida do acervo gerado por Helena Antipoff nas diversas instituições que ela criou no Brasil e a partir de seu trabalho como intelectual, educadora e pesquisadora. Esse acervo se encontra atualmente preservado na Fundação Helena Antipoff (Ibirité, MG) e na Universidade Federal de Minas Gerais (Sala Helena Antipoff, Biblioteca Central), disponível para estudiosos e pesquisadores interessados.

Desde sua criação, o CDPHA promove o Encontro Anual Helena Antipoff e publica o *Boletim do CDPHA*, contendo os resumos das contribuições apresentadas no evento. Cada encontro anual é dedicado a um tema relacionado à obra de Helena Antipoff, e os conferencistas são convidados a apresentar trabalhos de pesquisa ligados ao tema escolhido. O *Boletim do CDPHA* publica também notícias sobre o CDPHA e suas atividades. A publicação conta com comissão editorial

composta pelo(a) presidente do CDPHA e um grupo de colaboradores, e com um corpo de consultores vinculados a diversas instituições de ensino e pesquisa, nacionais e estrangeiras, nas áreas da psicologia e da educação.

A partir de 2007, o CDPHA passou a publicar também a *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff*, para divulgar os trabalhos completos apresentados nos eventos anuais. As contribuições destinadas a publicação devem ser enviadas à presidência do CDPHA por e-mail ou pelo correio, no endereço indicado abaixo, em conformidade com as instruções apresentadas a seguir. Os manuscritos devem ser inéditos, não submetidos a outro periódico, e respeitar as normas éticas vigentes. São apreciados por pelo menos dois membros do corpo editorial e/ou por especialistas *ad hoc* indicados pela comissão editorial. Pequenas modificações no texto poderão ser feitas pela citada comissão.

Instruções

1) As coletâneas da *Coleção Encontros Anuais Helena Antipoff* publicam ensaios teórico-conceituais, relatos históricos, relatos de pesquisa, estudos de caso e relatos de experiência profissional ligados aos temas abordados por Helena Antipoff e escolhidos para cada Encontro Anual Helena Antipoff.

2) Os manuscritos a serem publicados devem ser encaminhados ao CDPHA por ocasião de cada Encontro Anual Helena Antipoff. Os encontros são realizados sempre na última semana do mês de março, em comemoração à data de aniversário da educadora (25 de março). Os

manuscritos devem ser inéditos e não encaminhados a outras publicações, mediante declaração por escrito do(s) autor(es).

2) Os manuscritos devem ter no máximo 20 páginas, digitadas em espaço 1,5 entre linhas, no editor de textos MS-WORD, em fonte Arial 12. Deverão acompanhá-los um resumo de até 14 linhas e as palavras-chave, em português e inglês, francês ou espanhol, em fonte Arial 9, com espaço 1,5 entre linhas. O título do trabalho deve constar em português e em inglês.

3) Após o título do texto, deve constar o nome do autor. No rodapé da primeira página, colocar a referência do autor (titulação, instituição, endereço para correspondência).

4) Os ensaios teórico-conceituais devem incluir introdução, antecedentes históricos e/ou conceituais, desenvolvimento do argumento e conclusões. Os relatos de pesquisa devem incluir introdução com objetivos e justificativa, revisão da literatura, método, resultados e discussão. No caso de pesquisa empírica, as normas éticas em vigor no Brasil devem ser obedecidas. Os estudos de caso e relatos de experiência profissional devem obedecer à mesma estrutura (introdução, perspectivas teóricas, método, resultados, discussão e conclusões) e normas éticas. As resenhas de livros ou de artigos devem tratar de publicações recentes nas áreas da história da psicologia ou da educação e destacar sua relevância para os estudiosos dessas áreas.

5) As referências devem ser apresentadas conforme as normas da ABNT, em ordem alfabética, considerando-se o último sobrenome dos autores.

Seguem exemplos de referências:

a) Livros e capítulos de livros:

BERNARDES, Lúcia H. G. *Subjetividade: um objeto de estudo para uma psicologia comprometida com o social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007 (Coleção Histórias da Psicologia no Brasil)

CURY, Carlos R. J. Alceu Amoroso Lima. In: FÁVERO, Maria de Lourdes A.; BRITTO, J. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC/INEP, 1999, p. 39-44.

b) Artigos em periódicos:

PEREZ-RAMOS, Aydil M. Q. Contribuições ao módulo História da Psicologia do Sistema de Ensino na BVS-Psi. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, Ano XXVI, n. 3, set./dez.2006, p. 22-23.

c) Teses e dissertações:

LOURENÇO, Érika. *A criminologia entre a biologia e a educação: o discurso sobre o psicológico na Revista da Faculdade de Direito da UFMG (1892-1962)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2007 (tese de doutorado).

Endereço para envio dos originais:

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central
Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte, MG
E-mail: rcampos@ufmg.br

ÍNDICE REMISSIVO**A**

- Adilson Dumont – 17, 46, 102
Adriana Araújo Pereira Borges – 1, 3, 15, 19, 25, 48, 58, 98, 102
Adriana Mancini – 17, 46
Albertina Mitjás Martínez – 19, 48, 56
Alzira Maria Quiroga Mendoza¹, 3, 16, 25, 98, 102
Ana Lydia B. Santiago – 1, 21, 42, 50, 82, 85, 87, 100
Ana Maria Jacó-Vilela - 1, 100
Ana Paula Moura de Santos Ferreira - 79
Andréa Máris Campos Guerra – 19, 48, 61
Andréa Mismotto Carelli – 11, 22
Ângela Lago – 14, 46
Ângelo Filomeno Palhares Leite- 4, 98, 102
Atacílio Alves Cavalcanti Filho – 17, 46

B

- Bárbara Pompeu – 61
Bethanea jReis Veloso - 101

C

- Camila Noberto – 61
Carla Adriana Diniz Amaral - 79
Carlos Henrique Gerken – 1, 100.

Cecília Andrade Antipoff – 4, 102.
Celso Furtado de Azevedo – 3, 102.
Clarisse Alvarenga – 45.
Cláudio Magalhães – 14, 40.
Cristiane – 21, 50.
Cristina – 18, 47.

D

Daniela Perri Bandeira – 17, 47.
Dayane Aparecida Oliveira – 17, 46
Demetreos Navaes Neves – 3, 102.
Deolinda Armani Turci – 20, 49, 71, 102.
Doralice Almeida Campos de Araújo – 3, 98.

E

Elizabeth Coutinho de Moraes – 102.
Elizabeth Dias Mounaier – 102.
Elizabeth Melo Bomfim – 1.
Érika Lourenço – 1, 3, 20, 49, 69, 100, 102.
Ernani Henrique Fazzi – 3, 102.
Evelin – 18, 47.

F

Fernanda Flaviana de Souza Martins – 10, 11, 22, 38.

Flávia Alcântara – 17, 46.

G

Gláucia Mascarenhas Mourthé – 79.

H

Heulalia Charalo Rafante – 21, 50, 65, 94.

I

Irene Melo Pinheiro – 1, 3, 10, 100, 102.

Iza Rodrigues da Luz – 1, 20, 49, 67.

Ivan Ferreira da Silva – 11, 22.

J

Jácia Soares Santos – 21, 50, 87.

Jacqueline de oliveira Moreira – 61.

Jonathan Luiz Trindade de Carvalho – 18, 47

José Adolfo – 14, 41.

José Rogério Garcia Resende – 17, 46.

Juliana Cardoso – 17, 46.

K

Kátia Silva Simões – 61.

L

Laila S. de Mattos – 16, 43, 44.

Léa Márcia Ferreira Nicácio – 18, 47.

Leda Maria da Costa – 3, 102.

Lícia Caetano Maia – 19, 48, 64.

Lílian Erichsen Nassif – 1, 7, 45, 101.

Luis Guilherme – 12, 39.

M

Marcelo Ricardo Pereira – 15, 42.

Márcia Campos – 45.

Márcia Consuelo Firmino Data – 46.

Marcos Vieira Silva – 1, 100.

Magda Balbino Casarotti – 21, 85.

Magda Salete Silva Reis – 102.

Maíra Cristina Soares Freitas – 61.

Mairce Terezinha – 16, 43, 44.

Margarete Parreira Miranda – 21, 50, 82.

- Maria Cristina Soares Gouvêa – 12, 39.
Maria das Graças Oliveira – 21, 50, 89.
Maria das Graças Silva Teixeira – 3, 15, 25, 44, 98, 102.
Maria de Fátima Castanheira – 13.
Maria do Carmo Coutinho de Moraes – 1, 10, 100, 102.
Maria do Carmo Guedes – 1, 100.
Maria do Carmo Mendonça – 46.
Maria Gláucia P. Calzavara – 19, 48, 54.
Maria José Carneiro – 79.
Maria Melo Garcia – 4, 25, 102.
Maria Raquel Botrel – 15, 42.
Maria Therezinha Andrade – 10, 102.
Maria Therezinha Nunes – 1, 3, 7, 11, 14, 20, 25, 44, 45, 49, 73, 98, 101, 102.
Marilene Oliveira – 23.
Marina Massimi – 1, 100.
Marina Nogueira – 21, 50.
Marina Nunes Durães – 17, 47.
Marina Xavier de Miranda Pompeu – 61.
Maristela Rossato – 19, 48, 56.
Marta – 18, 47.
Miguel Mafhoud – 1, 19, 64, 100.
Mitsuko Antunes – 1, 100.

N

- Nádia Laguardia de Lima – 61.

Naiane Nascimento – 61.

Neide de Oliveira Magalhães – 4, 98, 102.

Nicolau Primola – 45.

O

Olinda Terezinha da Silva Caetano – 4, 98, 102.

Otília Braga Antipoff – 3, 10, 102.

P

Patrícia Guimarães – 17, 46.

Paula Patrícia da Silva – 17, 46.

Priscila Augusta Lima

R

Raquel Brandão Toussaint – 20, 49, 79.

Raquel Cabral de Mesquita – 20, 49, 77.

Raquel Martins de Assis – 1, 4, 100, 102.

Regina Célia Pereira Campos – 4, 102.

Regina Cruz – 17, 46.

Regina Helena de Freitas Campos – 1, 3, 7, 8, 10, 19, 20, 48, 49, 54, 67, 98, 100, 102.

Rita de Cássia Vieira – 1, 7, 22, 51, 96, 100.

Roberto Márcio Cunha Melo – 14, 41.

Rogério Corrêa Silva – 14, 40.
Rogério de Alvarenga – 3, 102.
Ronaldo Alvim – 19, 48.
Rosalba Lima – 16, 43, 44.
Rosalva Maia Martins dos Santos – 20, 49, 75.
Roseli Esquerdo Lopes – 21, 50, 65, 94.

S

Sabina Maura Silva – 12, 44.
Sandra Coelho – 45.
Sandra Pereira Tosta – 14, 41.
Sebastião Rogério Góis Moreira – 1, 13, 18, 40, 47, 100.
Sérgio Diniz Cirino – 1, 3, 20, 40, 47, 100.
Sérgio Domingues – 4, 21, 50, 92, 98, 101, 102.
Sérgio Farnese – 4, 102.
Sílvia Parrat-Dayan – 1, 10, 17, 37, 38, 46, 98, 99, 100.
Sílvia Regina Porto da Rocha – 17, 46.

T

Tânia Ferreira – 19, 48.
Tatiana Fontoura – 2, 6, 98.
Tereza Pereira do Carmo – 17, 46.

V

Vanessa Eleutério Miranda – 12, 44.
Vitória Líbia Barreto Faria – 16, 43

W

William Barbosa Gomes – 1, 100.

Z

Zóe Rios - 14, 46.